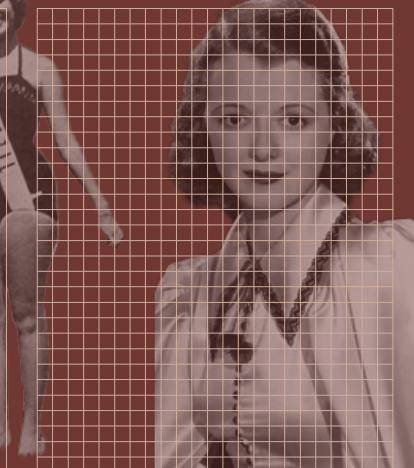
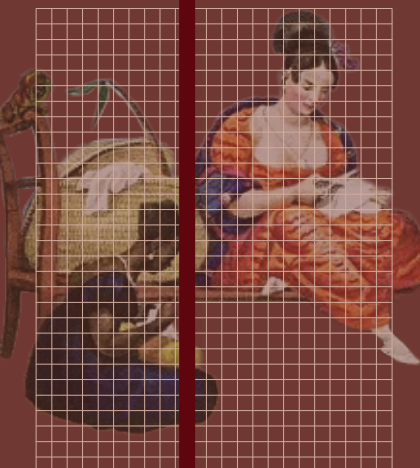
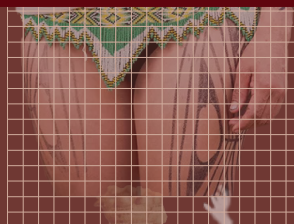


# Casa de Acolhimento Feminino: INSURGIR

JULIANA BRAGA RAMOS





## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DE MONOGRAFIAS DIGITAIS NO BANCO DE DADOS DA UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS

Eu, Juliana Braga Ramos,

Na qualidade de titular dos direitos de autor que recaem sobre a minha monografia de conclusão de curso, intitulada Casa de Acolhimento Feminino: INSURGIR defendida em **31/01/23**, junto a banca examinadora do curso com fundamento nas disposições da lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, autorizo a disponibilizar gratuitamente a obra citada, sem ressarcimento de direitos autorais, para fins de leitura, impressão e/ou *downloading* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade Estadual de Goiás / Unidade Universitária de Ciências Exatas e Tecnológicas, a partir desta data.

- autorizo texto completo  
 autorizo parcial (resumo)

Assim, autorizo a liberação total ou resumo de meu trabalho, estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de minha inteira responsabilidade.

Anápolis, 20 de janeiro de 2023.

Assinatura do (a) autor (a):

*Juliana Braga Ramos*

Assinatura do (a) Orientador (a):

*Maíra Teixeira Pereira*

**JULIANA BRAGA RAMOS**

**Trabalho de conclusão de curso apresentado  
ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade Estadual de Goiás, como pré-  
requisito para a obtenção do Título de Bacharel  
em Arquitetura e Urbanismo.**

**PROF. DR<sup>a</sup>. MAÍRA TEIXEIRA PEREIRA**  
Orientadora

**Universidade Estadual de Goiás**  
**Arquitetura e Urbanismo**  
**Trabalho Final de Graduação 2**  
**Anápolis - GO**  
**2022/2**

# AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço e dedico esse trabalho aos meus pais, Melquisedec e Maria Lucieni, ao meu irmão e a minha família por serem minha base e estarem sempre ao meu lado. Por terem lutado, muitas vezes abdicando de suas vontades, para que eu pudesse ter uma vida mais confortável do que a que eles tiveram. Sou grata por terem me proporcionado o privilégio de poder me dedicar aos meus estudos de forma integral e terem me ajudado sempre que precisei.

Agradeço aos meus parceiros de lutas e conquistas que a faculdade me deu, Gismar Gomes e Nicole dos Reis, por terem me aguentado todo esse período e terem sempre me ajudado e motivado, acreditando no meu melhor, principalmente nos momentos de estresse e desânimo. Agradeço também aos demais amigos que fizeram parte dessa jornada e deixaram suas marcas, contribuindo com quem eu me torno a cada dia.

Agradeço à Máira Teixeira, minha orientadora, por ter me acolhido e tratado com tanto carinho e delicadeza meu trabalho, sempre acreditando e incentivando, principalmente quando o cansaço já havia me alcançado.

E por último, um agradecimento especial à todas as mulheres presentes na minha vida, que me inspiram e ensinam a encarar a vida, cada uma com suas singularidades.

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>01</b>			
<b>2</b>	<b>A MULHER CONTEMPORÂNEA</b>	<b>03</b>	Feminismo, gênero e patriarcado A mulher na cidade		
<b>3</b>	<b>OS ENFRENTAMENTOS DA MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA</b>	<b>11</b>	As diversas facetas da violência A mulheres da noite		
<b>4</b>	<b>ANÁPOLIS</b>	<b>19</b>	As mulheres na história As anapolinas atuais As Anas das ruas Bairro Jundiaí Análise do terreno		
<b>5</b>	<b>PROJETO</b>	<b>43</b>	Referências projetuais Usuário Programa Conceito Processo projetual Partido Implantação Térreo Primeiro pavimento Barrilete Paisagismo e Cobertura		
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>127</b>			

# 1 APRESENTAÇÃO

*Nada mais revolucionário  
Do que um beijo diante do ódio  
Do que o abraço perante a dor  
Do que amar sem definição*

*Nada mais revolucionário  
Do que transbordar poesia  
E acreditar no outro dia  
Mesmo na pior aflição*

*Nada mais revolucionário  
Do que não se deixar morrer  
Do que contrariar as estatísticas  
E dentro de si ser revolução*

INSURGIR – Geraldo Ramiere

O trabalho discute a construção da imagem feminina por parte de uma sociedade patriarcalista onde o poder se centraliza no homem. No patriarcalismo, a mulher é tida como pessoa privada, ou seja, que não tem espaço na vida pública, tendo sua existência e participação restritas ao âmbito doméstico. Essa exclusão do feminino na vida urbana gera cidades masculinas, que não são pensadas para atender demandas específicas de mulheres. Como afirma o arquiteto espanhol e professor, Josep Maria Montaner (2014), historicamente os desenhos urbanísticos priorizam atender a demanda do capital e as prioridades masculinas, com foco no fluxo dos homens no auge de sua capacidade produtiva, deixando em segundo plano as demandas das mulheres, jovens, idosos, crianças e deficientes físicos.

Esse problema é agravado para as mulheres em situação de rua, sejam as que vivem ou trabalham nesse ambiente, que precisam enfrentar diversas dificuldades cotidianas como violência, desumanização do seu ser e perda de sociabilidade. Apesar de serem minoria entre os moradores de rua, as mulheres foram as principais vítimas de agressões expressando 50,8% dos 17.386

registros de violência na população de rua de 2015 a 2017 foram contra elas<sup>1</sup>. Segundo Silvânia Andrade, técnica do Departamento de Ações Programáticas Estratégicas (DAPES) do Ministério da Saúde, a cultura machista é reproduzida também no ambiente das ruas, atingindo fortemente as mulheres.

Em 2021 houve um aumento de mais de 20% dos casos de violência doméstica em Anápolis e de feminicídio no Brasil, em relação ao ano anterior. Apesar da cidade já contar com políticas e iniciativas para atender as vítimas de violência, as mulheres em situação de rua ainda são bastante marginalizadas, sofrendo com uma falta de acolhimento e tendo suas demandas básicas negligenciadas. Tendo essa problemática em vista, se faz necessária a implantação de uma casa de acolhimento feminino em Anápolis - GO para reestabelecimento da saúde física e mental, um local onde as mulheres possam se fortalecer e insurgir na sociedade com o poder de resistir e ir contra essa cadeia de violência. Para isso, o projeto arquitetônico deve demonstrar sensibilidade e força, deve tratar o passado na luta pelo futuro.



[fig. 1]

NOTAS:  
<sup>1</sup> Ministério da Saúde

LEGENDAS:  
[fig. 1]  
Ilustração de violência de gênero  
Fonte: Wagner Magalhães / Arte G1

# A MULHER NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

*"Nossas cidades são patriarcados escritos na  
pedra, no tijolo, no vidro e no concreto."*

-Jane Darke

# FEMINISMO, GÊNERO E PATRIARCADO

Além de uma determinação genética, o gênero é uma construção cultural, que se inicia logo nos primeiros anos de vida da menina. O ser mulher acaba sendo uma imposição cultural, sendo muitas vezes levada como algo “natural” do feminino. Para Simone de Beauvoir (1908 - 1986), uma das principais teóricas do feminismo, essa natureza feminina não existe.

Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade. (BEAUVOIR, 1972, p. 497).

Ao longo da história, a representação da mulher é feita de forma dicotômica, onde a mãe ou a parente, de uma forma geral, deve ser associada com a imagem de Maria, a mãe de Jesus Cristo, uma mulher sem pecado que concebeu o filho do criador. Portanto deve ser frágil, pura e símbolo de fertilidade. Em contraponto existem as figuras de Pandora, a primeira mulher a existir na mitologia grega e deixou escapar todos os males do mundo, e Eva, foi desobediente e introduziu o pecado no mundo de acordo com a crença judaico-cristã. Desde então cria-se um estigma da imagem da mulher como representante do mal e tentadora, projetando no feminino a falta de controle dos desejos masculinos. Dessa forma a luta feminista precisa ser muito mais profunda que a busca por igualdade salarial e direitos básicos.

Conseguir nosso autocontrole se transformou em conseguir

controlar a mulher, evitar a tentação que ela, malévola, representa. A cada vez que uma escola ou repartição pública proíbe as mulheres de usar roupas supostamente sexy é disto que se trata: de exercer nela o autocontrole masculino. (CONTARDO, 2019, p. 33)

Segundo Maria Homem (2019), a construção do feminino na sociedade pode ser dividida em três momentos. Primeiro, em um ultrapatriarcalismo, onde a mulher era tida apenas como reprodutora e um bem. No segundo momento, a mulher ganha um pouco de autoridade, porém apenas no âmbito privado, gerindo o lar, enquanto o homem continua dominando o espaço e as discussões públicas. O terceiro momento se inicia no século XX com o surgimento da ideia de direitos humanos e civis igualitários e universais.

Os direitos básicos como votar, estudar, oportunidades de trabalho e o poder de decidir entre ter ou não filhos foram sendo conquistados aos poucos, em um processo que se iniciou no século XX. Apesar dessas conquistas, muitas mulheres acabaram sendo coagidas ou punidas por agirem seguindo sua própria vontade, assim, houve um grande aumento na violência doméstica, que perdura até os dias atuais. Esse processo de emancipação se iniciou através dos movimentos sociais de mulheres desde a Greve Geral de 1917, quando as trabalhadoras das fábricas possuíam os menores salários. Apenas na década de 90 aconteceram mudanças nas políticas públicas do Brasil que protegessem os direitos femininos, como o direito ao voto (1932), o fim da tutela dos maridos sobre as suas esposas (1962) e a criação do

Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (1985).

Nesse contexto, a luta feminina tem gerado diversas transformações pessoais e profissionais por meio da conquista de liberdade, nível de escolaridade e planejamento familiar, resultando em uma redução em algumas questões de desigualdade de gênero. Porém, apesar de tais conquistas, as caracterizações relacionadas às definições de gênero ainda perduram em nossa sociedade. Com isso, as mulheres ainda acabam enfrentando cobranças quanto aos padrões de feminilidade, casamento e filhos, nessa perspectiva ainda patriarcal, a mulher pode até trabalhar fora de casa, porém ainda devem conciliar com a vida doméstica. Essas percepções demonstram que a mudança vem acontecendo de uma forma lenta e ainda se tem muito a conquistar.

No contexto brasileiro, a chegada dos europeus acentuou ainda mais as desigualdades sociais entre o gênero, onde a mulher negra, escrava, era vista como um objeto sexual e as europeias eram as respeitáveis e sempre obedientes a seu marido. Esse pensamento exibe suas marcas até os dias atuais, onde a solidão da mulher negra é evidenciada em um racismo estrutural. É um legado coletivo, a afetividade é sempre negada para pessoas negras. Dito isso, a situação da mulher negra é a mais profunda, pois sofre com a discriminação de raça, classe e gênero. A igualdade definida nas leis por si só não consegue garantir direitos e oportunidades iguais a todos, já que ainda existem grupos mais privilegiados que outros.

Dessa forma, se faz necessária

a aplicação da igualdade material, visando um tratamento igualitário real, em tudo o que é essencial a uma vida digna, como educação, saúde, trabalho, entre outros elementos. Apenas os mecanismos da Lei Maria da Penha (11.340/2006), a Lei do Femicídio (13.104/2015) e as demais leis punitivas não estão sendo capazes de conter a crescente de violência de gênero no Brasil e no mundo. Diante disto, a luta feminina não pode se resumir apenas a igualdade de gênero, mas a ocupação de um espaço na sociedade para se libertar do preconceito, das discriminações e das definições morais estabelecidas pela cultura patriarcal.



[fig. 2]

## NOTAS:

<sup>2</sup>Movimento realizado por operários e comerciantes de São Paulo para pedir melhores condições de trabalho e aumento de salário.

## LEGENDAS:

[fig. 2]  
Colagem das principais figuras femininas  
Fonte: Autoral

# A MULHER NA CIDADE



[fig. 3]

A expansão de uma cidade ocorre através do seu padrão de ocupação urbana, que expressa tanto as necessidades emergentes quanto o local geográfico e político da possibilidade de soluções. Esse padrão é determinado pela relação entre as pessoas e como ocupam os espaços. Apesar de favorecer as relações sociais, o cotidiano urbano acaba sendo propício para a preservação de estereótipos e preconceitos. Nesse contexto, a continuidade da discriminação de gênero se materializa na estrutura da cidade, um ambiente que pode levar a produção e reprodução de inseguranças para as mulheres. Não existe espaço para se debater sobre justiça e igualdade nas cidades ignorando uma perspectiva crítica de gênero.

O medo e a insegurança no espaço da cidade é um resultado de diversos fatores estruturais, como edificações degradadas ou abandonadas, ruas pouco ou nada iluminadas, iluminação desigual ao longo da rua, trechos e cantos escuros onde alguém possa estar escondido, outdoors com anúncios sexistas e que objetificam o corpo feminino, insegurança na mobilidade, entre outros. Em sua dissertação, Natália Fávero (2020) destaca a predominância feminina no transporte público:

Homens e mulheres não se deslocam pela cidade da mesma maneira nem pelos mesmos motivos. Um grande estudo foi feito em Lisboa sobre mobilidade, por Margarida Queiróz. Percebeu-se que o transporte público é predominantemente o transporte das mulheres e em percurso de várias jornadas, em contraposição com o transporte privado, principalmente por homens de classe média e entre

dois pontos: trabalho-casa. (FÁVERO, 2020, p.33).

Uma parceria entre o Instituto Patrícia Galvão e Instituto Locomotiva, com apoio da Uber e apoio técnico e institucional da ONU Mulheres realizou a pesquisa Percepções sobre segurança das mulheres nos deslocamentos pela cidade. O estudo online contou com 2.017 pessoas (1.194 mulheres e 823 homens), com 18 anos de idade ou mais no ano de 2021.

Do momento em que saem de casa até retornarem, as mulheres brasileiras são percebidas como o grupo mais vulnerável a sofrer uma violência durante esse percurso e também são as que declaram sentir muito medo. E a experiência confirma a razão da insegurança: 69% das mulheres já foram alvo de olhares insistentes e cantadas inconvenientes ao se deslocarem pela cidade, 35% já sofreram importunação/assédio sexual e 67% das mulheres negras relataram ter passado por situações de racismo quando estavam a pé. (Instituto Patrícia Galvão/Locomotiva, 2021)

Para Montaner (2014), na história da sociedade, o homem sempre teve um papel de estar no exterior, de ter uma vida social ativa, enquanto o da mulher era dentro do lar, logo, as mulheres possuíam uma perspectiva do espaço público através das experiências do homem da casa, ou seja, elas viviam uma realidade mediada e vivida por outros. Dessa forma, há, historicamente, uma falta de ocupação de espaços públicos por parte das mulheres, que acaba favorecendo um planejamento urbano baseado nas necessidades masculinas.

## NOTAS:

<sup>3</sup>Michelle Perrot é uma historiadora e professora, sendo uma das mais célebres historiadoras da causa feminista, assim como da vertente social da história francesa.

## LEGENDAS:

[fig. 3]  
Mulheres na cidade  
Foto: Patrícia França



# A MULHER NA CIDADE

Michelle Perrot (1998) afirma que, historicamente, a tendência era que a mulher que se coloca em ambiente público fosse hostilizada e marginalizada, perdendo seus valores, que ora foram atribuídos pelo patriarcalismo.

No espaço público, aquele da Cidade, homens e mulheres situam-se nas duas extremidades da escala de valores. Opõem-se como o dia e a noite. (...) O homem público, sujeito eminente da cidade, deve encarnar a honra e a virtude. A mulher pública constitui vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria. (PERROT, 1998, p. 7).

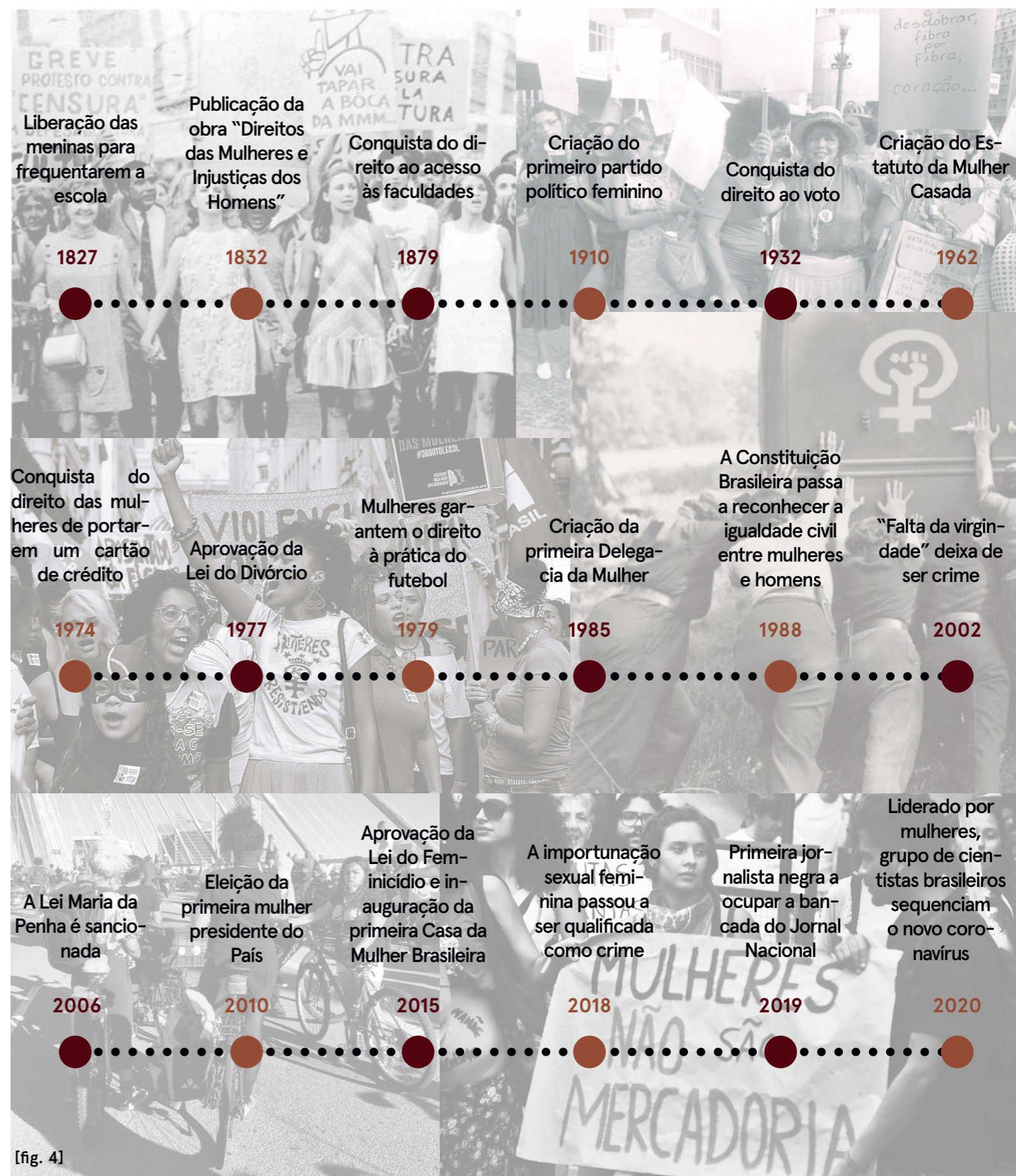
A falta de estrutura adequada às necessidades femininas, o medo do assédio e até mesmo de violências são limitadores da sua liberdade, dificultando sua ocupação da cidade. As discriminações de gênero são impactantes na falta de apropriação do espaço público urbano por parte das mulheres, levando a uma falta de identificação com a cidade e do exercício total de sua cidadania.

Além dessa falta de infraestrutura e segurança na cidade, as mulheres ainda encontram dificuldades em ambientes institucionais. Em janeiro de 2016, foi noticiado uma conquista feminina, o Senado brasileiro realizou uma reforma para construir um banheiro para as senadoras. Porém, isso evidenciou como os espaços públicos não suprem as demandas femininas, já que até a última sessão de 2015, o plenário tinha banheiro somente para os homens, as parlamentares tinham que usar o banheiro do restaurante anexo ao Plenário, disponibilizado desde 1979, quando foi eleita a primeira

senadora, Eunice Michilis (1929).

A construção de cidades mais justas e democráticas só se dará através do enfrentamento das discriminações cotidianas no espaço urbano. Para Montaner (2014), o discurso feminista é um dos prioritários no processo de elaboração de alternativas para um urbanismo igualitário, pois ele é um ponto de partida para a inclusão de todos, para então alcançar um urbanismo que consiga evidenciar a diversidade e destacar a participação social. Dessa forma, a democratização e segurança dos espaços públicos para as mulheres acaba melhorando a cidade para todos.

Segundo Jane Jacobs (2000), a principal característica de um urbanismo eficiente é que a população se sintasegurae protegida na rua. O espaço público da cidade contemporânea tem suas funções tradicionais comprometidas devido a uma degradação física e funcional do ambiente. Em muitas cidades, o espaço público acaba perdendo sua característica de socialização e de manifestações políticas e culturais, se tornando vazio e com pouco uso, resultando em uma precariedade da infraestrutura e no sentimento de insegurança.



LEGENDAS:  
[fig. 4]  
Colagem de movimentos femininos  
Fonte: Autoral

# OS ENFRENTAMENTOS DA MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA

*Triste, louca ou má  
Será qualificada ela  
Quem recusar  
Seguir receita tal*

*A receita cultural  
Do marido, da família  
Cuida, cuida da rotina*

*Só mesmo rejeita  
Bem conhecida receita  
Quem, não sem dores  
Aceita que tudo deve mudar*

# AS DIVERSAS FACETAS DA VIOLÊNCIA



[fig. 5]

Pessoas em vivência de rua, tradicionalmente reconhecidas como moradores de rua, estão presentes em diversos períodos históricos, desde a Idade Média até os dias atuais. A situação de rua que antes era, majoritariamente, um espaço tido como expressão de loucura, rebeldia, ou de renúncia filosófica ou religiosa, passou a atingir cada vez mais pessoas que estão em plena saúde mental, mas que não conseguem se inserir na lógica capitalista. Dessa forma, só é compreendido como cidadão quem está no mercado de trabalho gerando capital, os demais são tratados como um incômodo, marginalizados pela sociedade.

O cotidiano da rua é marcado por desafios diários, como a falta de alimentos, dificuldades com acesso à saúde e ao transporte, problemas financeiros, vício em drogas e discriminação social. Sendo assim, a população em situação de rua se vê obrigada a desenvolver formas de sobreviver e suprir suas necessidades básicas, além de tentar ultrapassar as barreiras sociais, como o preconceito.

Em Anápolis, Thalita Siqueira, mestra em Ciências sociais e humanidades, realizou uma pesquisa acerca de pessoas em situação de rua para sua dissertação de mestrado, *Corpos segregados e pobreza absoluta no processo de produção de pessoas em situação de rua em Anápolis (GO)*. Em visitas e entrevistas no Albergue noturno Bom Samaritano em 2018, a pesquisadora conseguiu obter como um dos resultados que as mulheres expressam o valor de 23% dos entrevistados, sendo, então, a menor parte da população de rua.

Apesar de serem uma menor

parcela vivendo nas ruas, as dificuldades que as mulheres encontram são mais profundas e agressivas. Isso acontece pelo contexto social machista, violento e propício às desigualdades de gênero que a sociedade se encontra, sendo agravado na rua. Mesmo sendo minoria, as mulheres foram as principais vítimas de agressões contra moradores de rua: 50,8% dos 17.386 registros de violência de 2015 a 2017 foram contra elas. Em entrevista ao G1 em São Paulo, algumas moradoras de rua acreditam que as agressões são parte de um ciclo de violência que começa antes da mulher sair do ambiente doméstico, relatam, ainda, terem sido vítimas de estupros, ameaças e assédio nas ruas.

As mulheres em situação de rua destacam que entre as principais formas de violência física sofrida estão a intolerância, agressão, morte, dívidas com traficantes, disputa por espaço e ações higienistas. A violência sexual é a mais citada, sendo praticada principalmente por homens, em situação de rua ou não, gerando danos físicos e mentais irremediáveis na mulher. Dentre todos, o grupo mais vulnerável a esse tipo de agressão é o das transexuais mulheres, que expressam uma maior frequência entre as notificações de violência.

Quando a mulher vem pra rua, geralmente é porque o marido batia nela, porque ela já era agredida dentro de casa. Muitas vezes ela estava em um relacionamento abusivo e ela vem pra rua se livrar disso, mas não consegue. (ALVES<sup>4</sup>, 2019, entrevista ao G1).

NOTAS:

<sup>4</sup>Verônica Alves tem 29 anos e vive em situação de rua na cidade de São Paulo desde os 18.

LEGENDAS:

[fig. 5]  
Moradora de rua de Belo Horizonte  
Foto: Marcelo Camargo / Agência Brasil

# AS DIVERSAS FACETAS DA VIOLÊNCIA

Para o padre Júlio Lancellotti (2019), que trabalha há mais de 30 anos em defesa deste grupo através da Pastoral do Povo de Rua, as mulheres de rua acabam tendo que enfrentar a violência vinda de diversos grupos, como: clientes da prostituição, companheiros, ex-companheiros, policiais e os outros moradores de rua. Devido a essa alta exposição, as mulheres acabam dormindo mais em abrigos e menos na rua.

No patriarcalismo, é atribuída ao homem a função de poder e à mulher o de sua posse, sempre obediente e recatada. Logo, além de enfrentar os preconceitos da sociedade, as condições do machismo são aumentadas na rua. Devido a isso, é recorrente encontrar casos de mulheres que, por insegurança e medo de dormirem na rua sozinhas, acabam procurando um homem para ser seu parceiro. Para o Padre Júlio Lancellotti (2019), isso ocorre porque as mulheres buscam a vida em comunidade como forma de proteção. “A mulher vira uma moeda de troca na rua, ela tem que ter um dono. Elas sofrem mais violências porque nas ruas há uma disputa pela mulher”, explica Lancellotti. Verônica Alves (2019), moradora de rua, complementa esse pensamento “Elas veem no companheiro um porto seguro para viver protegida na rua, mas geralmente esses caras são alcoólatras, drogados, eles fazem mal a elas também”.

As mulheres em situação de rua que não possuem companheiros e estão sob efeito de álcool e substâncias químicas acabam se tornando mais propensas a sofrerem violências tanto físicas quanto sexuais. Além dos casos de violência física e sexual, as

mulheres relataram ainda agressões em instituições, que ocorreram na assistência social da Prefeitura de São Paulo. Para Suely, o atendimento dos serviços de assistência sempre dá prioridade aos homens.

Os homens parece que têm mais prioridade que as mulheres, na rua. Então sempre que tem uma atividade nos serviços da prefeitura, nos abrigos, os homens falam e não querem deixar a gente falar. Eles ficam com agressividade pra cima da gente e os funcionários nunca fazem nada. (SUELY, 2019, entrevista ao G1)

A falta de confiança na Segurança Pública também é um dos motivos que levam a mulher em situação de rua a não fazer denúncia da violência sofrida, levando a uma subnotificação desses casos. A instituição, que deveria oferecer segurança, acaba praticando a violência ao negligenciar e negar serviços. Para que haja a formalização de denúncias e atendimentos, os serviços públicos cobram a documentação e moradia fixa, dessa forma, a falta dos mesmos impossibilita as denúncias. Essas dificuldades, a opressão vivenciada e o sentimento de impotência são condicionantes dos indicativos das desigualdades existentes.

A cidade de Anápolis conta com algumas políticas e iniciativas de apoio e acolhimentos a mulheres e à população de rua, entre elas a Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM), uma casa de acolhimento às mulheres vítimas de violência (2018), o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro POP, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS e o Albergue noturno Bom Samaritano.

## LEGENDAS:

[fig. 6]  
Mulher em situação de rua deitada  
Foto: Rovena Rosa/Agência Brasil  
[fig. 7]  
Mulher em situação de rua sentada  
Foto: Aog Rocha  
[fig. 8]  
Mulher em situação de rua e pedinte  
Foto: Noah Seelam/AFP  
[fig. 9]  
Mulher em situação de rua se higienizando  
Foto: Igo Estrela / Metrôpoles



[fig. 6]



[fig. 7]



[fig. 8]



[fig. 9]

# AS MULHERES DA NOITE

Apesar de ser considerada a profissão mais antiga do mundo, a sociedade ainda apresenta preconceitos e violências contra as mulheres que se prostituem, pois elas acabam negando as normas e os padrões socialmente pré-estabelecidos e aceitos. A marginalização deixa as mulheres expostas a riscos e dificulta o acesso a direitos básicos como justiça, saúde e inclusão social.

A relação comercial estabelecida na prostituição é marcada por opressões e violências. As agressões acabam sendo legitimadas com a justificativa de que são consequências da profissão. Parte das prostitutas são “administradas” por cafetões e cafetinas, sendo obrigadas a oferecerem seus serviços a diferentes pessoas, sem possibilidade de escolha. Além de violências físicas ocorridas durante o serviço, as prostitutas também estão expostas a diversos outros tipos como tráfico, estupro,

abusos sexuais, roubos e a violência psicológica praticada através de humilhações, desqualificação e ofensas verbais e morais.

Em 2022, A Polícia Civil em Anápolis participou da Operação Parador 27, tendo fiscalizado diversas boates e pontos de prostituição para apurar denúncias de exploração e abuso sexual de crianças e adolescentes na cidade. Nessa operação não foram encontrados menores de idade nos estabelecimentos fiscalizados, porém, segundo a delegada Kenia Segantini, responsável pela ação em Anápolis, existe uma alta frequência nos casos de abuso sexual de menores de idade, havendo inúmeras investigações em curso. Já em 2020, a Polícia Civil prendeu em Anápolis uma mulher de 53 anos suspeita de manter uma casa de prostituição, a investigação se iniciou devido a denúncias de exploração sexual feitas para a Polícia Civil.

Quando se trata do contexto urbano, o espaço público é um importante componente, podendo ser analisado em diversas perspectivas. Sendo assim, ele também tem seu caráter simbólico, onde diferentes ideias e culturas são reproduzidas, através das relações banais e cotidianas entre indivíduos e ambiente, marcadas por sujeitos e percepções plurais. Esse fenômeno é uma das concepções de território, que perpassa por variadas escalas, aqui o corpo da mulher pode ser inserido também.

A definição do espaço é compreendida como o ambiente natural e o ambiente organizado socialmente, já a territorialidade é gerada através de ações históricas, uma carga cultural, que acontecem em diferentes momentos da cronologia e se sobrepõem. Para Haesbaert (2014), a territorialidade engloba tanto a dimensão política quanto as relações econômicas e culturais, sendo um resultado de como as pessoas utilizam e dão significado ao lugar. Nesse sentido, o espaço e o território coexistem, já que sem o ambiente físico não existe a expressão da territorialidade. O autor continua:

Portanto, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes amálgamas, funcional e simbólico, pois as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de “funções” quanto de significados. (HAESBAERT, 2014, p. 60)

Nessa perspectiva, a rua se torna um importante elemento para a compreensão das relações existentes no espaço público. A rua é lugar do encontro, onde os indivíduos estão presentes, sendo

compreendida como um universo de múltiplos eventos e relações. Quando os cidadãos entram em contato com a rua, e nela reproduzem sua vida, ela se torna condição de sua existência. Nesse sentido, o território expressa um valor de uso, um símbolo, podendo adquirir dimensões de “lar”, “abrigo”, segurança afetiva, entre outros.

Para entender esta realidade, se deve compreender que o ambiente passa a condicionar suas existências. Quando se fala em pobres, em pessoas em situação de rua, eles são identificados como aqueles que realizam sua existência no espaço urbano através de seus corpos, pois a experiência com o mundo é tida através de uma corporeidade. Porém, o corpo humano não pode ser caracterizado como elemento passivo. “[...] o corpo humano é ativo e transformador em relação aos processos que o produzem, sustentam e dissolvem.” (HARVEY, 2004, p.138). É através do corpo que o espaço pode ser percebido, vivido, sentido, apropriado, transformado. Sendo assim:

É através de seu corpo, de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade latu sensu a menos que seja a pequena vila ou cidade – vivida/ conhecida/ reconhecida em todos os cantos. (CARLOS, 2007a, p.17)



LEGENDAS:  
[fig. 10]  
Garotas de  
programa na  
rua  
Foto:  
Reprodução/  
Facebook

[fig. 10]

# 4 ANÁPOLIS

*Ela desatinou, desatou nós  
Vai viver só*

Triste, Louca Ou Má - Francisco, el Hombre

# AS MULHERES NA HISTÓRIA



[fig. 11]

Desde o seu nome, [Ana]polis, teve uma participação feminina ativa em seu desenvolvimento, desde sua fundação até representantes políticas e influentes atuais. A região de Anápolis era antiga passagem de tropeiros, que passavam a noite e seguiam viagem para os principais pontos de exploração de ouro. Em 1870, Dona Ana das Dores Ramos, viúva do Capitão Gomes Pereira Ramos, iniciou uma viagem de tropa de burros partindo de Jaraguá, onde morava, com destino a Bonfim, atual Silvânia [fig. 11]. Em uma das bagagens de Ana havia uma imagem de Sant'Ana, a quem ela prestava devoção e não se separava. Dona Ana hospedou-se em um pouso de tropas, na fazenda do Senhor Joaquim Rodrigues dos Santos.

Quando foram seguir viagem, os tropeiros perceberam que o burro que carregava a imagem não conseguia levantar pois carga

estava inexplicavelmente mais pesada. Tendo chamado Dona Ana das Dores, ela se lembrou da sua promessa que ainda não havia cumprido de edificar uma igreja para a Santa de sua devoção. A senhora, então, renovou sua promessa em voz alta e a carga ficou mais leve instantaneamente. O Sr. Joaquim presenciou o acontecimento e ficou muito emocionado, decidindo doar terras para que sua Igreja fosse construída. Em novembro de 1871 o Padre Francisco Inácio da Luz, vindo de Pirenópolis, abençoou a capela e foi seu primeiro Capelão. A Matriz de Sant'Ana se encontra no mesmo lugar do "milagre" e onde foi construída a primeira Capela, e abriga a milagrosa imagem, de onde a padroeira abençoa a cidade e o povo de Anápolis – Cidade de Ana, Cidade de Sant'Ana.

Após Dona Ana, também pode-se destacar Maria Elisa Crispim (1860 - 1932), a primeira professora de Anápolis, que começou a lecionar em 1888. Já no âmbito político, após a conquista do direito ao voto e candidatura feminina em 1932, Francisca Miguel foi a primeira vereadora eleita de Anápolis, nas eleições de 1947. A vereadora teve participação essencial na democratização do ensino secundário em Anápolis, de forma que esse ramo de ensino fosse ofertado via instituição pública. Com o mandato de Francisca Miguel encerrado, abriu-se um hiato na participação feminina no Poder Legislativo Municipal, e apenas em 1983 foi eleita Maria Conceição Meireles. Em 1989, Marlene Barbaresco se elegeu pelo PT, partido com pensamento de esquerda ainda novo no cenário político brasileiro, o que também

se demonstrava como uma barreira.

Dentre todas as eleitas, a vereadora Mirian Garcia (1962) se destacou, sendo a mulher que mais vezes foi eleita, chegando ao cargo nas eleições 1992 e reeleita cinco vezes entre os anos de 2000 e 2016. Até os dias atuais as mulheres ainda são uma minoria no cenário político da cidade, onde o recorde de eleitas foi em 2020 com 5 vereadoras.

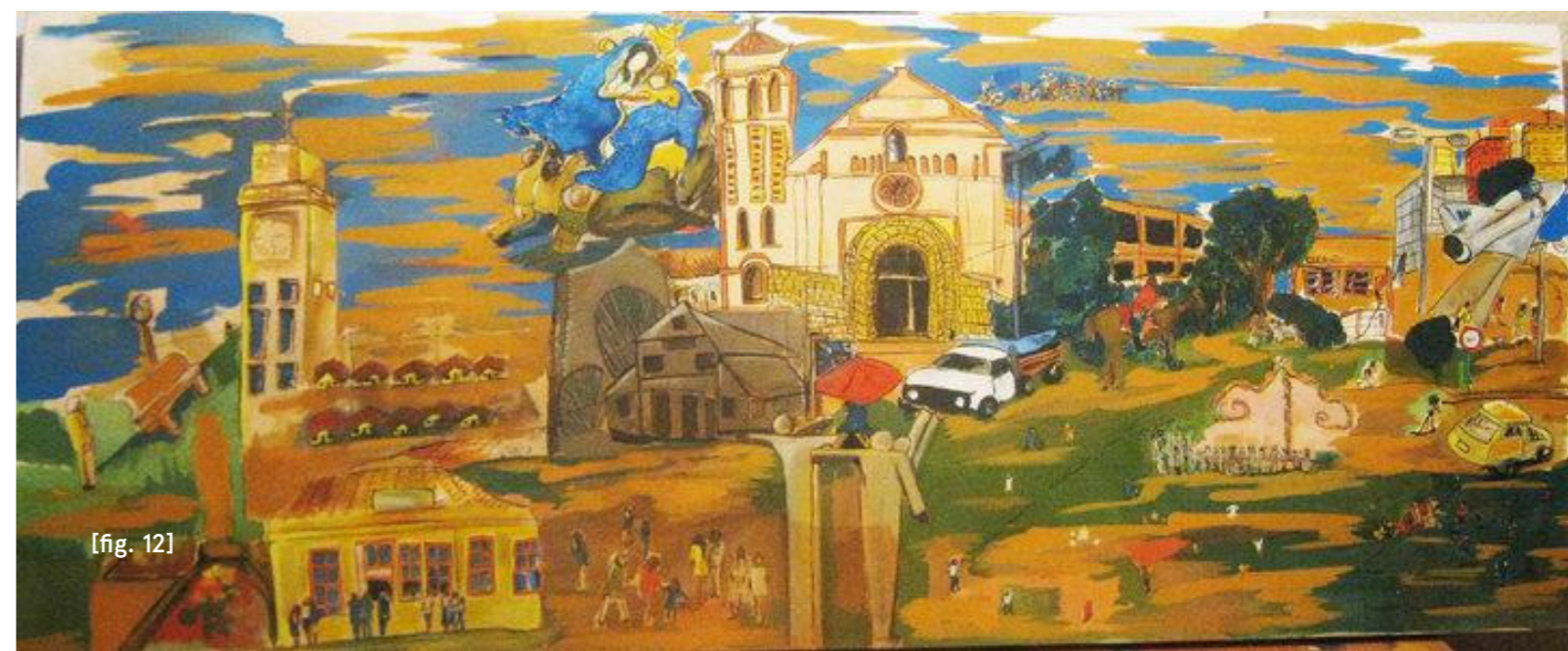
Outro momento feminino marcante na história de Anápolis foi a chegada das atrizes hollywoodianas. Joan Lowell (1902 - 1967), Janet Gaynor (1906 - 1984) e Mary Martin (1913 - 1990) foram atrizes do primeiro grupo do cinema mudo norte-americano e resolveram deixar Los Angeles para vir para o interior do Brasil durante a década de 1950. Em Anápolis, elas viraram fazendeiras e se misturaram aos cidadãos locais, sendo contribuintes do cotidiano e da história da cidade. Joan Lowell e Leek Bowen se mudaram para Anápolis pouco depois de 1937. Foi nesse período que a atriz escreveu o livro "Terra Prometida", onde relatava sua vida na cidade goiana. Logo após enviar o livro para os Estados Unidos, diversos norte-

americanos se interessaram pelas terras anapolinas e Joan Lowell passou a ajudar na venda dos terrenos aos estrangeiros.

Uma última figura importante foi Dulce de Faria, mesmo que não tenha ocupado um cargo genuíno. Ela foi responsável pela criação do projeto Dom Bosco, tendo sido considerado um dos melhores programas sociais do Estado de Goiás. A primeira-dama de Anápolis nas décadas de 1980 e 1990 foi homenageada com uma honraria em medalha levando seu nome. A homenagem foi aprovada por unanimidade dos votos em plenário em 2011, através de um projeto de lei de autoria da ex-vereadora Gina Tronconi.

Como constatado, diversas mulheres deixaram uma marca na história de Anápolis, porém, infelizmente, muitas ainda continuam no anonimato. Ainda hoje há uma dificuldade em conseguir identificar tais mulheres e conseguir seus dados, como no caso de Dona Ana das Dores Ramos, que apesar de ter tido extrema importância na fundação de Anápolis, não se tem disponível suas datas de nascimento e morte.

LEGENDA:  
[fig. 11]  
Mapa do trajeto planejado  
Fonte: Autoral  
[fig. 12]  
Mural da história de Anápolis



[fig. 12]

# AS ANAPOLINAS ATUAIS

Apesar dos avanços consideráveis, a sociedade anapolina continua colocando as mulheres em situação de vulnerabilidade, onde podemos constatar pelas frequentes notícias de mulheres sendo violadas ou até mesmo mortas.

A cidade de Anápolis conta com algumas formas de enfrentamento à violência contra mulheres, entre elas a Patrulha Maria da Penha (2017), a Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM) e uma casa de acolhimento às mulheres vítimas de violência (2018). As Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher (DEAM) são unidades especializadas da Polícia Civil, que realizam ações de prevenção, proteção e investigação dos crimes de violência doméstica e violência sexual contra as mulheres, entre outros.

Em 2016, O Governo do Estado de Goiás criou, através do Decreto nº 8.524, a Patrulha Maria da Penha – PMP. A PMP presta serviços de atendimento especializado às mulheres vítimas de violência doméstica e familiar, através de atendimento policial militar de natureza preventiva a essas mulheres, especialmente por meio de visitas comunitárias e solidárias. Em Anápolis, o 3º Comando Regional de Polícia Militar – 28º Batalhão é responsável pela Patrulha Maria da Penha, localizada no bairro Vila Jaiara possui atendimento por WhatsApp, telefone e presencial.

Desde o ano de 2018, as mulheres vítimas de violência em Anápolis contam com um lugar para serem acolhidas, juntamente com seus filhos, se necessário. A prefeitura municipal, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Social, Trabalho, Emprego e Renda,

assinou termo de colaboração com a Associação Missionária Esperança para oferecer o serviço de acolhimento às mulheres vítimas de violência. O abrigo tem por objetivos proteger as mulheres e evitar a continuidade de situações de violência, identificar suas causas e levantar dados para o sistema de vigilância socioassistencial. A localização do abrigo é sigilosa, mantendo a máxima segurança para aquelas que o procuram.

Em 2021 houve um aumento de mais de 20% dos casos de violência doméstica em Anápolis e de feminicídio no Brasil, em relação ao ano anterior, que gerou uma preocupação para os órgãos de Segurança Pública. Com isso, a Patrulha Maria da Penha de Anápolis (PMP) – 3º CRPM, deflagrou a Operação “PROTETIVAS”, onde foi intensificado o número de acompanhamentos de mulheres que possuem Medidas Protetivas de Urgência – MPU, e verificado o real cumprimento destas.

Ainda no final de 2021, o Ministério Público de Goiás lançou, em Anápolis, o projeto eMPoderar, que visa promover ações de apoio, acolhimento e empoderamento de mulheres vítimas de violência doméstica e familiar no município. A promotora de Justiça Carla Brant Sebba Roriz, titular da 13ª Promotoria de Anápolis, foi responsável pela idealização do projeto. Trabalhando juntamente com a rede de proteção à mulher de Anápolis, Carla Brant iniciou os atendimentos no âmbito do projeto, se dedicando a inserir não somente a vítima, mas também seus filhos e companheiros nessa atuação conjunta. O projeto oferta acompanhamentos psicológico, jurídico e para a reinserção no

mercado de trabalho para as vítimas, além de direcionar as crianças a programas assistenciais e ao ambiente escolar.

Agora em abril de 2022, a Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM), em parceria com a Associação Artêmis de Anápolis e com o Instituto Neoqav, lançou o projeto “ACOLHER”, que busca prestar assistência a mulheres vítimas de violência doméstica em Anápolis. A DEAM em Anápolis passou a disponibilizar uma sala exclusiva para atendimento psicológico, onde as mulheres recebem amparo especializado e maior acolhimento em situações de vulnerabilidade ao chegarem na delegacia. As vítimas possuem, ainda, acesso a kits de higiene feminina fornecidos pelo instituto Neoqav.

## Homem é preso suspeito de **agredir ex-mulher com caco de vidro e ameaçá-la em motel de Anápolis**

Segundo a polícia, suspeito acabou machucado devido à tentativa da mulher de se defender. Casal estava separado há três anos, mas tinha ido se encontrar no local.

Por Gabriela Macêdo, g1 Goiás  
18/04/2022 19h31 · Atualizado há 2 semanas



## Mais mulheres denunciam que foram vítimas de gerente de posto de saúde investigado por **crimes sexuais**, em Anápolis

Servidor público foi exonerado do cargo. Segundo a Polícia Civil, ao todo, quatro funcionárias já fizeram denúncias.

Por Jamyle Amoury, g1 Goiás  
06/04/2022 08h18 · Atualizado há 4 semanas



## Homem é preso em Anápolis após **agredir, perseguir e ameaçar ex-mulher**

Suspeito ainda mandava fotos de uma arma para amedrontar a vítima

Em 10/02/2022 17:40

## Mulher denuncia que foi **esfaqueada pelo companheiro durante atendimento médico em Anápolis**

Ao formalizar a denúncia, a Polícia Militar (PM) foi acionada para realizar as diligências, mas o suspeito já teria fugido. Mulher precisou ficar internada

Em 13/05/2022 16:02

## Homem é preso em Anápolis-GO após **agredir a namorada com pedaço de madeira**

Vítima foi encontrada com bebê de cinco meses no colo e casa com móveis quebrados pelo homem

Em 02/03/2022 15:02

## Anápolis: Mulher é **agredida e tem seios cortados** com vidro em briga com marido

Por Lucieni Soares · Maio 04, 2022

[fig. 13]

LEGENDA:  
[fig. 13]  
Colagem com manchetes de casos de violência  
Fonte: Autorial



# AS ANA(S) DAS RUAS

NOTAS:  
⁵Identidade não revelada.

LEGENDA:  
[fig. 14]  
Mapeamento dos principais pontos de apoio à mulheres e moradores de rua  
Fonte: Autoral  
[fig. 15]  
CENTRO POP  
Fonte: Autoral  
[fig. 16]  
CREAS  
Fonte: Reprodução/Google Maps  
[fig. 17]  
DEAM  
Fonte: Autoral  
[fig. 18]  
Albergo noturno Bom Samaritano  
Fonte: Reprodução/Google Maps

Além dos programas institucionais citados, existem ainda “redes de apoio” encontradas em diversos contextos que auxiliam as mulheres com seus enfrentamentos diários. Em uma conversa com uma instrutora de academia foi discutida a importância dos exercícios físicos e do acolhimento, em um ambiente comumente entendido como formador de estética, para o auxílio no tratamento de problemas mentais e recuperação da autoestima.

Eu gosto de trabalhar com mulheres, esse é o meu público, porque com elas eu lido com questões que também são minhas, como ansiedade, depressão, baixa autoestima e inseguranças. Eu já tive uma aluna que sofria com depressão, ansiedade e tinha até uma medida protetiva contra o ex porque tinha sido muito agredida. Quando vi o laudo meus colegas falaram pra eu não aceitar, que ela era louca, era caso de psiquiatra, mas eu não desisti, ela estava no fundo do poço, quebrada, e precisava de ajuda. Ela teve muitas crises de ansiedade durante os treinos, a gente ia para uma parte mais reservada da academia pra ela poder chorar e desabafar, foram muitos dias assim. Hoje essa aluna está melhorando cada vez mais, o físico, o psicológico e a autoestima. Eu sou apaixonada por isso, por essas diferenças que eu posso fazer. (MARIA<sup>5</sup>, 2022, entrevista cedida)



[fig. 14]



[fig. 15]



[fig. 16]



[fig. 17]



[fig. 18]

# AS ANA(S) DAS RUAS

Desde a sua fundação, Anápolis contou com a presença feminina em seu desenvolvimento, porém sempre moldado no patriarcalismo. Os reflexos do machismo ainda são vistos, principalmente se tratando de violência e feminicídio. Na sociedade patriarcalista, apesar das mulheres, de uma forma geral, serem tratadas como desiguais, aquelas que são tidas como reflexo de Maria ainda ganham o mínimo de respeito e dignidade, porém, as que são tidas como reflexo de Eva são jogadas às margens.

Anápolis sempre foi majoritariamente cristã, tendendo a acolher e estender sua caridade apenas para alguns grupos marginalizados, ignorando grupos que não se encaixam na moral cristã. Dessa forma, a população em situação de rua ainda possui alguns recursos de amparo, seja por iniciativas governamentais ou não. Como exemplos de grupos negligenciados pode-se citar o de LGBTQIA+ e garotas de programa.

Como no resto do Brasil, as mulheres são a minoria da população de rua em Anápolis, e mesmo assim vivem em um estado de constante vulnerabilidade. Essas mulheres acabam se sentindo menores, menos humanas. A rua é considerada um local onde seus direitos são violados. Tal fato é observado também nas mulheres profissionais do sexo, que além de enfrentarem todas as violências de uma sociedade machista, ainda têm que lidar com os tabus morais de uma sociedade predominantemente cristã, sendo ainda mais marginalizadas.

## LEGENDAS:

[fig. 19]

Mulheres em situação de rua de Anápolis  
Fonte: Irmãos Invisíveis



[fig. 19]

# AS ANAS DAS RUAS

A população em situação de rua vive no espaço urbano sem uma moradia e isso faz com que essas pessoas tenham uma percepção do espaço de forma diferente. É estabelecida uma relação de identidade com o lugar, levando em consideração as preferências individuais em permanecer em determinados locais da cidade. Os lugares que a população em situação de rua permanece tanto durante o dia quanto a noite são concentrados na região central e no bairro Jundiá [fig. 20], sendo as praças, parques e lugares mais deteriorados da cidade, como a rodoviária e a feira coberta. No caso das mulheres, um dos lugares mais importantes foi a Santa Casa de Misericórdia, pois foi o lugar que as acolheram quando tiveram seus filhos, o que demonstra o forte vínculo afetivo.

O Parque Ipiranga também é um lugar bem marcante, porém, como o local é tido como cartão postal da cidade, ainda existe uma lógica higienista e opressora. Dessa forma, eles podem até frequentar o Parque Ipiranga, mas em horários de menor movimento.

No caso dos locais de prostituição existem dois tipos, os fixos, que contam com a estrutura do prostíbulo, e a própria rua em si, que entra no conceito de territorialidades flexíveis, ambos os casos são comumente encontrados em áreas de obsolescência ou espaços deteriorados. No segundo caso, durante o dia esses territórios

são ocupados por pessoas trabalhando, exercendo atividades do cotidiano. Já no período noturno, os territórios são ocupados por outro tipo de paisagem humana, como as prostitutas.

Em Anápolis, as profissionais do sexo estão mais concentradas no bairro Calixtolândia e na região que margeia as Avenidas São Francisco e Juscelino Kubitschek [fig. 20]. A presença de prostitutas nessas regiões já é tida como uma informação de senso comum na cidade, isso devido ao bairro Calixtolândia abrigar a maior quantidade de motéis e casas de prostituição na cidade, e as agressões a prostitutas e travesti serem bastante recorrentes. Já na região do bairro Jundiá, as atividades costumam acontecer no caso de territorialidades flexíveis, onde as mulheres acabam tomando as ruas como seu ponto de trabalho.

De uma forma geral, as mulheres que vivem e trabalham nas ruas estão sempre expostas a todo tipo de violência e vulnerabilidade, tendo assistência quase inexistente. O bairro Jundiá acaba se tornando mais acolhedor para essas mulheres por se tratar de uma região que é tida como segura e pela presença da Santa Casa de Misericórdia e da Unidade de Saúde Jundiá (Osego), que é uma unidade de referência em áreas como Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), hepatites virais, tuberculose, hanseníase e diabetes.

LEGENDAS:  
[fig. 20]  
Mapeamento dos principais pontos de concentração de moradores de rua e principais pontos de prostituição  
Fonte: Thalita Siqueira e autoral.

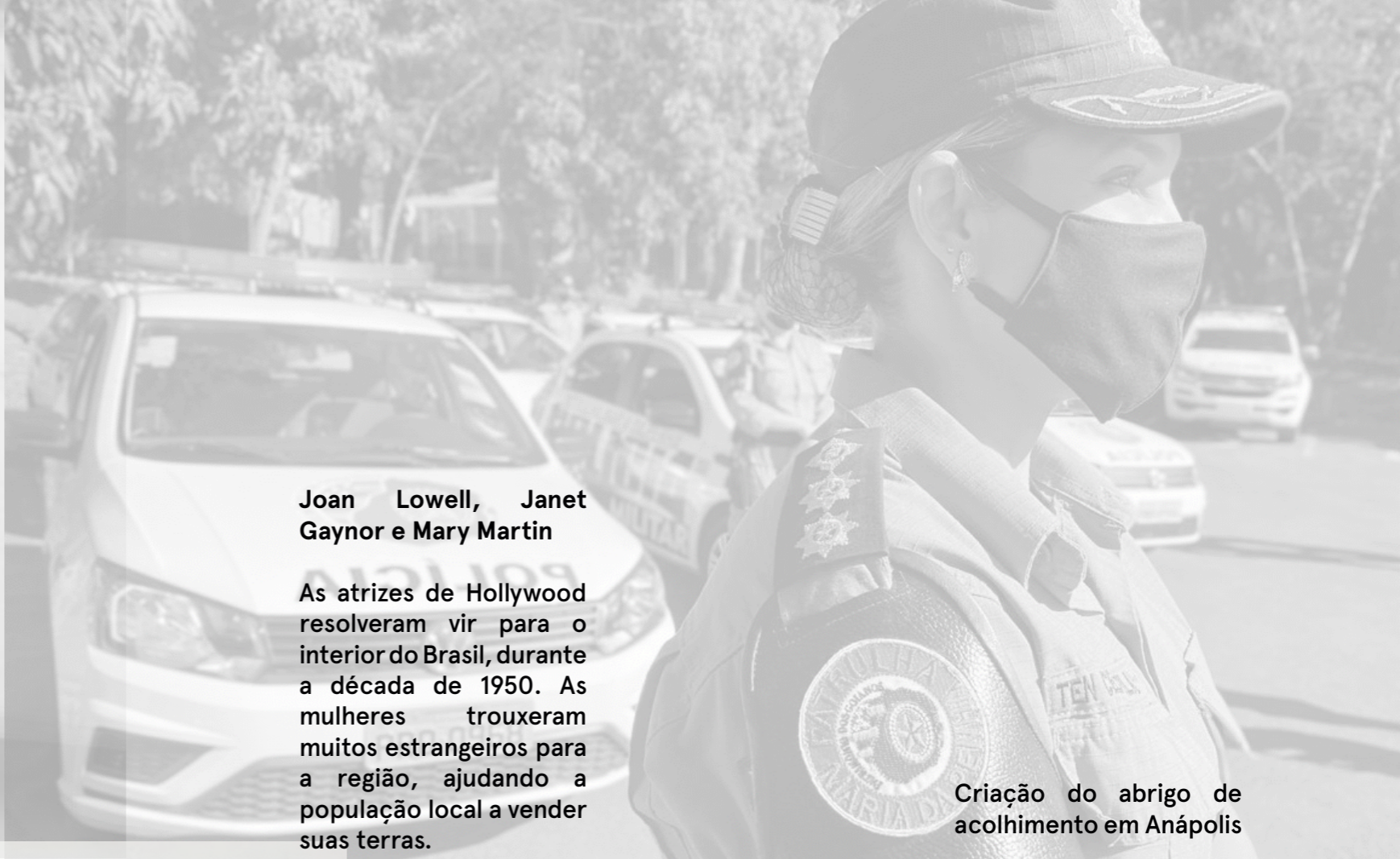


[fig. 20]



**Dona Ana das Dores Ramos**  
Fundação de Anápolis

**CONQUISTA DO VOTO FEMININO NO BRASIL**



**Joan Lowell, Janet Gaynor e Mary Martin**

As atrizes de Hollywood resolveram vir para o interior do Brasil, durante a década de 1950. As mulheres trouxeram muitos estrangeiros para a região, ajudando a população local a vender suas terras.

**Criação do abrigo de acolhimento em Anápolis**

1870

1892

1932

1947

1950

2016

2018



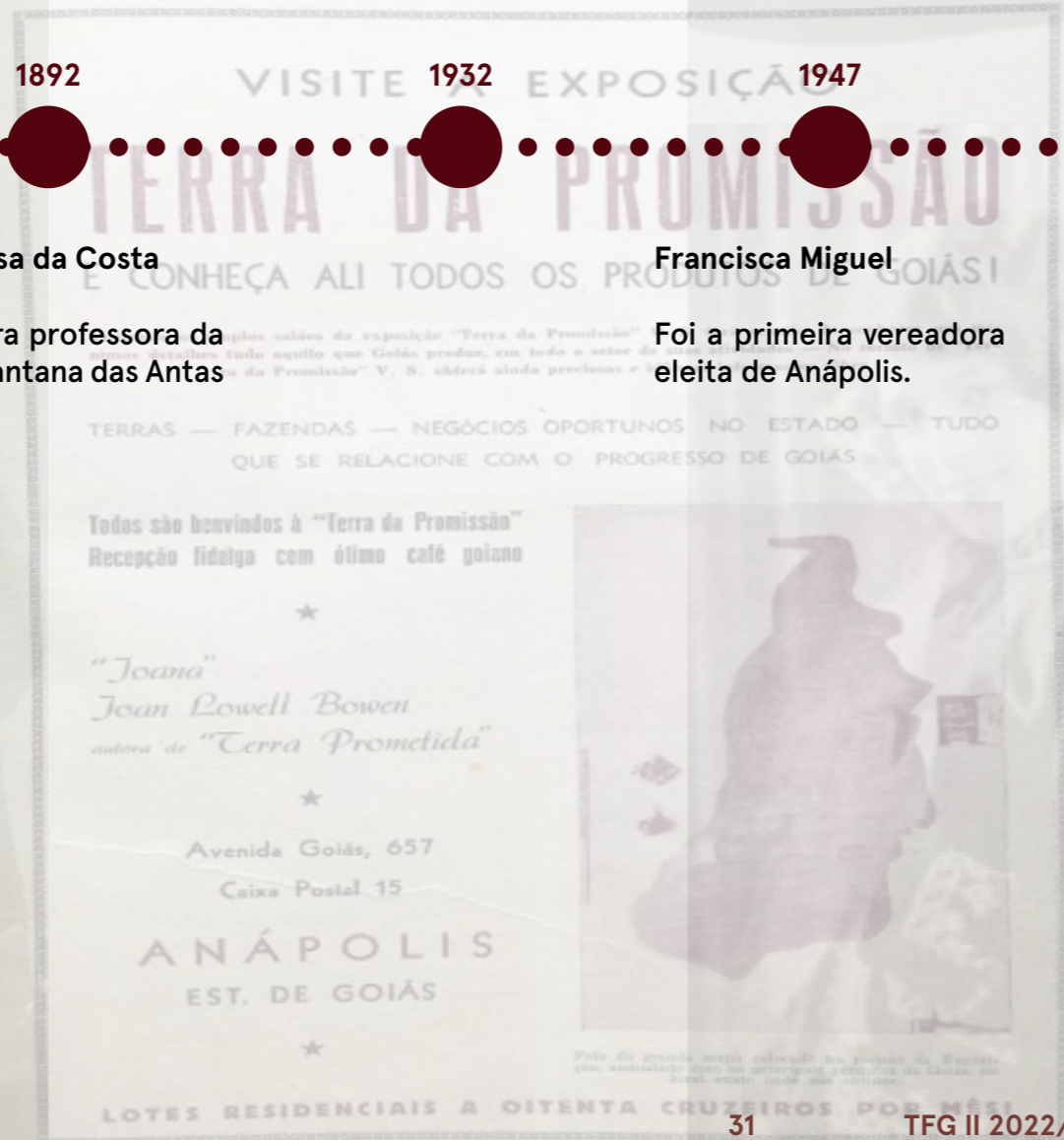
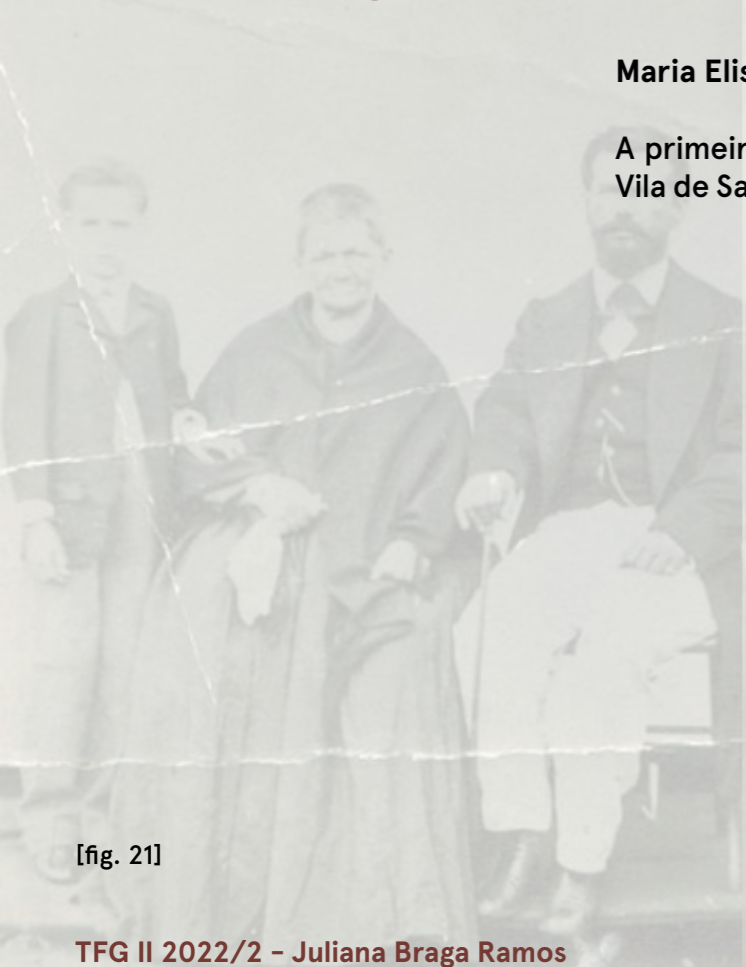
**Maria Elisa da Costa**

A primeira professora da Vila de Santana das Antas

**Francisca Miguel**

Foi a primeira vereadora eleita de Anápolis.

**Criação da Patrulha Maria da Penha em Goiás**



# JUNDIAÍ

## Escolha já seu lote em JUNDIAÍ - Nova Anápolis

Estamos vendendo lotes diariamente e dentro de pouco tempo não ficará nenhum para V. S.

O Lugar Mais Saudavel da Cidade  
O Bairro JUNDIAÍ é um prolongamento da cidade e será no futuro a NOVA ANAPOLIS



[fig. 25]

[fig. 22]

O Jundiá foi concebido em 1943, lançado pela Sociedade Imobiliária Anapolina, tendo como proposta ser um bairro residencial. Desde a sua criação, o bairro Jundiá chamou a atenção de empresários e do poder público, principalmente por ser uma nova centralidade e estar interligado ao centro da cidade. Com a inauguração da Santa Casa de Misericórdia de Anápolis, em 1946, e essa proximidade com o centro, os serviços médico-hospitalares foram se inserindo na área ao longo dos anos.

O planejamento do bairro Jundiá contava com um conglomerado industrial ao sul, separado da área habitacional, reunindo diversas empresas como dezenas de armazéns cerealistas. Assim surgiu a Vila Industrial dentro do bairro Jundiá, onde foram construídas as indústrias de beneficiamento de arroz, torrefação de café, algodão e ferrarias. Com a criação do DAIA (Distrito Agroindustrial de Anápolis) em 1976, algumas dessas empresas migraram para o novo polo industrial, deixando suas instalações para novos usos.

LEGENDAS:  
[fig. 21]  
C o l a g e m de figuras femininas de Anápolis  
Fonte: Autoral [fig. 22]  
Foto do jornal O Anápolis com propaganda do bairro  
Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho. [fig. 23]  
Colégio São Francisco de Assis  
Fonte: Arlindo (Fotógrafo) [fig. 24]  
Vista da Feira Livre Coberta. Inaugurada em 1979  
Fonte: Reprodução IBGE



[fig. 23]



[fig. 24]

# JUNDIAÍ

LEGENDAS:  
[fig. 25]  
Mapa bairro Jundiaí  
Fonte: GoogleMaps  
[fig. 26]  
Galpões na Av. Juscelino Kubitschek.  
Fonte: Autoral.  
[fig. 27]  
Rua Pinto Pontes  
Fonte: Autoral  
[fig. 28]  
Parque das Águas  
Fonte: Autoral  
[fig. 29]  
Parque Ambiental Ipiranga  
Fonte: Autoral

Apesar de ter perdido grande parte dos espaços públicos previstos em seu planejamento, o bairro Jundiaí ainda apresenta uma estrutura superior em relação aos demais bairros, sendo um lugar acessível, saudável, que oferece uma diversidade de usos e de fácil locomoção para pedestres e automóveis. Essas características são qualificadores da vida urbana e conferem ao bairro um caráter de nova centralidade em relação a cidade. A formação de novas centralidades gera espaços multifuncionais e auto suficientes, que se localizam em diferentes pontos da cidade, buscando equilibrar a distribuição de equipamentos, emprego, moradia e reduzir custos de deslocamento.

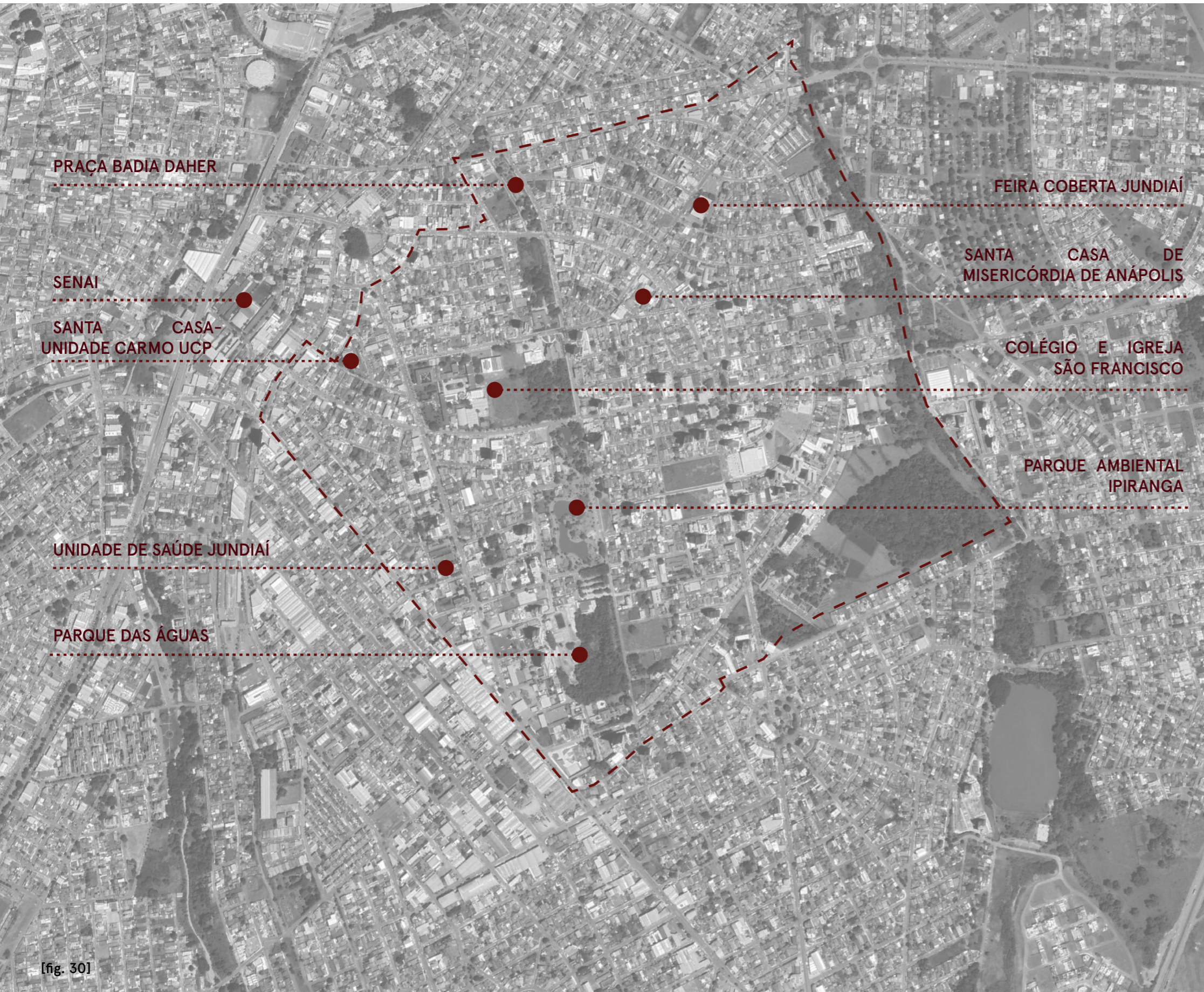
A nova centralidade é percebida pelas mudanças espaciais da cidade, principalmente nas áreas de atividades comerciais e de

serviços, que expressam uma descontinuidade, gerando novos espaços fragmentados que se sustentam na relação com o centro. Para Spósito (2001), o surgimento das novas centralidades a cidade cria um tecido urbano dinâmico de concentração e descentralização dos espaços,

Essa nova morfologia caracteriza-se pela expansão do tecido urbano, de forma intensa, mas descontínua. Os espaços urbanos se redefinem. Ao invés de aglomerações urbanas que designam contiguidade e adensamento populacional, de infra-estruturas e equipamentos, produzem-se largas tramas urbanas que se redefinem por uma estruturação polinucleada, interna e externamente articulada por amplos sistemas de transporte e comunicação. (SPÓSITO, 2001, p.85).



# JUNDIAÍ



[fig. 30]

Desde 2010, com a implantação do Parque Ambiental Ipiranga, o bairro tem passado por alterações significativas devido ao processo de valorização, o que impulsionou os investimentos imobiliários, com edifícios cada vez mais altos. Esses novos empreendimentos lançados têm adotado a imagem de “uma nova forma de viver”, nesse sentido, é aproveitada a presença do Parque como propaganda de natureza e lazer, alavancando ainda mais a valorização da área.

Esse fenômeno acaba elevando os valores imobiliários e reproduzindo a segregação socioespacial. Dessa forma, essa melhoria no habitar contempla apenas uma parcela privilegiada da população, que possui recurso financeiro suficiente para poder escolher seu lugar na cidade.

Apesar de já conter diversos equipamentos, o Jundiaí foi escolhido pela facilidade de acesso, já que é alimentado por várias linhas de ônibus, e pelo suporte que esses usos existentes podem dar ao projeto. A implantação de mais um equipamento público na região contribui para a democratização do bairro, trazendo a população mais carente para um local bem estruturado, de forma que seu uso e apropriação não fiquem restritos à uma pequena parcela da cidade.

Outro fator importante considerado foi, como dito anteriormente, a concentração dos principais locais que a população em situação de rua permanece ser no bairro Jundiaí e presença da Santa Casa de Misericórdia como local de acolhimento para as mulheres.

LEGENDAS:  
[fig. 30]  
Mapeamento dos principais equipamentos do bairro Jundiaí  
Fonte: Autoral

# ANÁLISE DO TERRENO



[fig. 31]



[fig. 32]



[fig. 33]

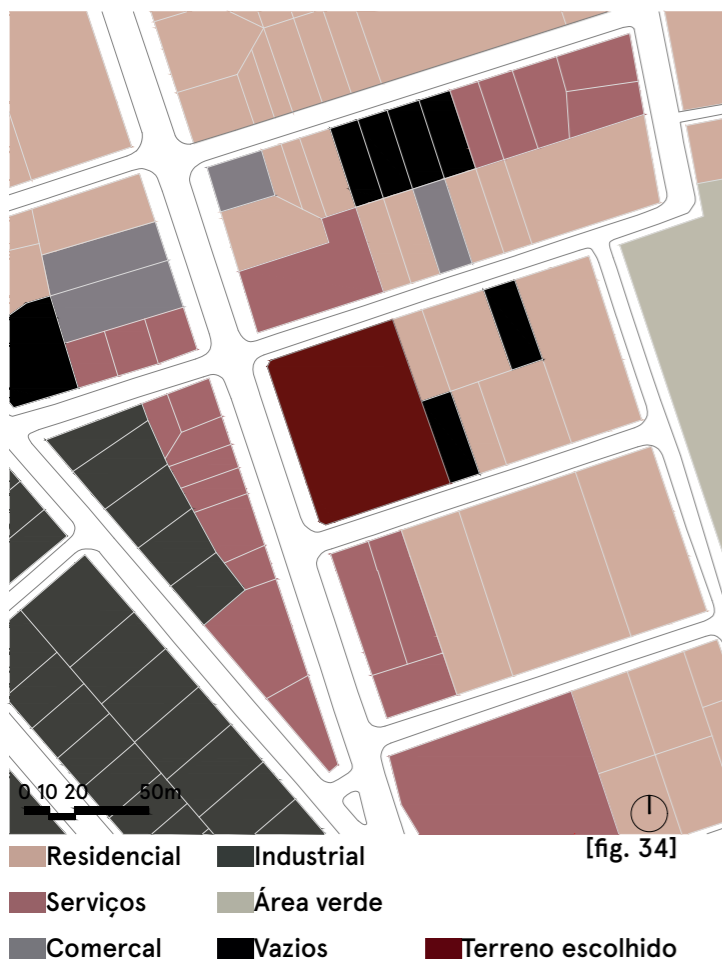
O terreno escolhido se localiza na Avenida São Francisco com as ruas Monsenhor Chiquinho Ramos e Pinto Pontes, com uma área de cerca de 3.817,00 m<sup>2</sup>.

A localização do lote é privilegiada pela proximidade com o Parque Ambiental Ipiranga, o Parque das Águas e com a Unidade de Saúde Jundiaí (Osego) [fig. 28]. A proximidade com a Osego se faz importante, pois servirá como apoio para a casa de acolhimento, já que é reconhecida como referência no tratamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), hepatites virais, tuberculose, hanseníase e diabetes.

LEGENDA:  
 [fig. 31]  
 Localização do terreno escolhido  
 Fonte: Autoral  
 [fig. 32]  
 Vista do terreno escolhido  
 Fonte: Autoral  
 [fig. 33]  
 Vista do terreno escolhido  
 Fonte: Autoral



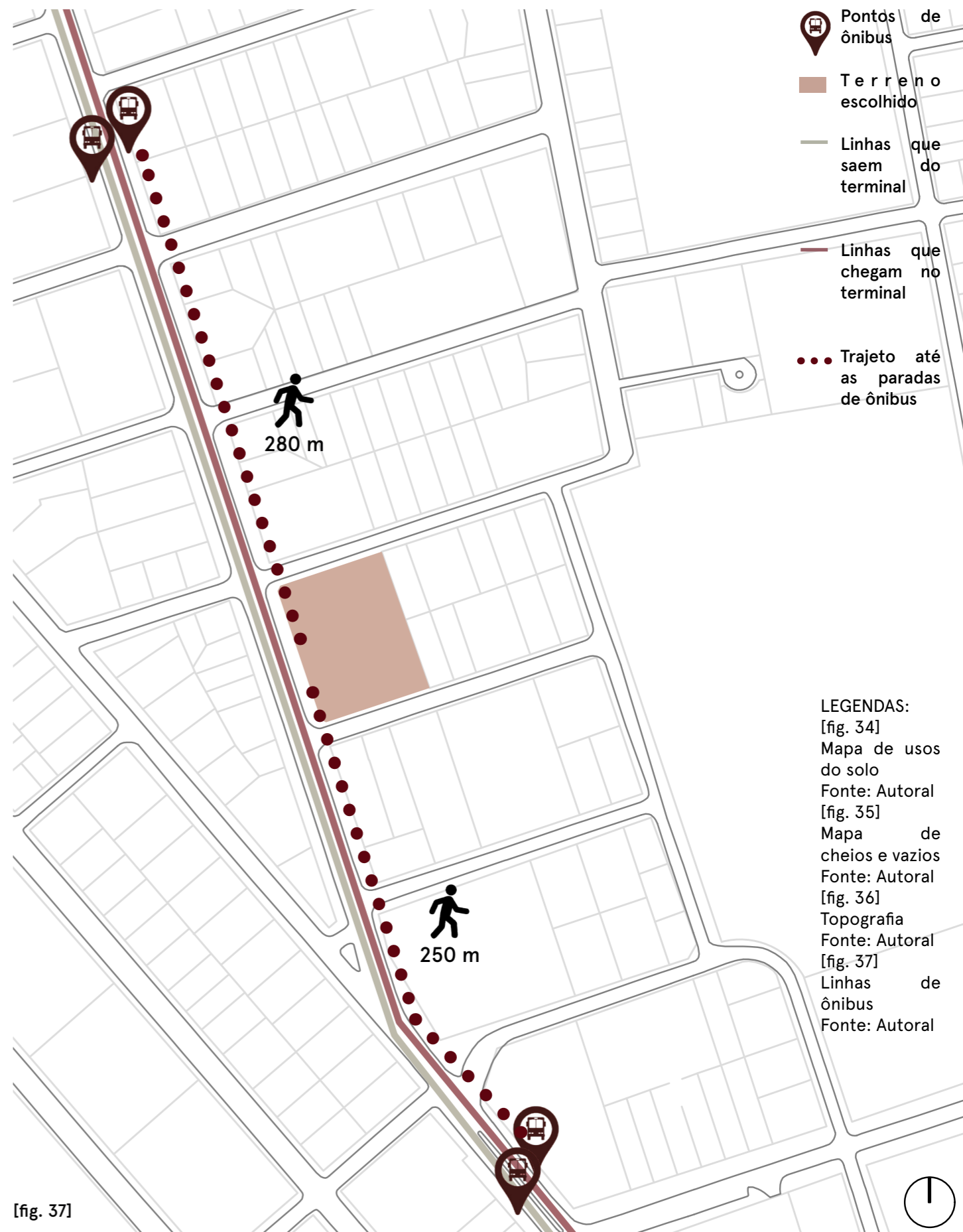
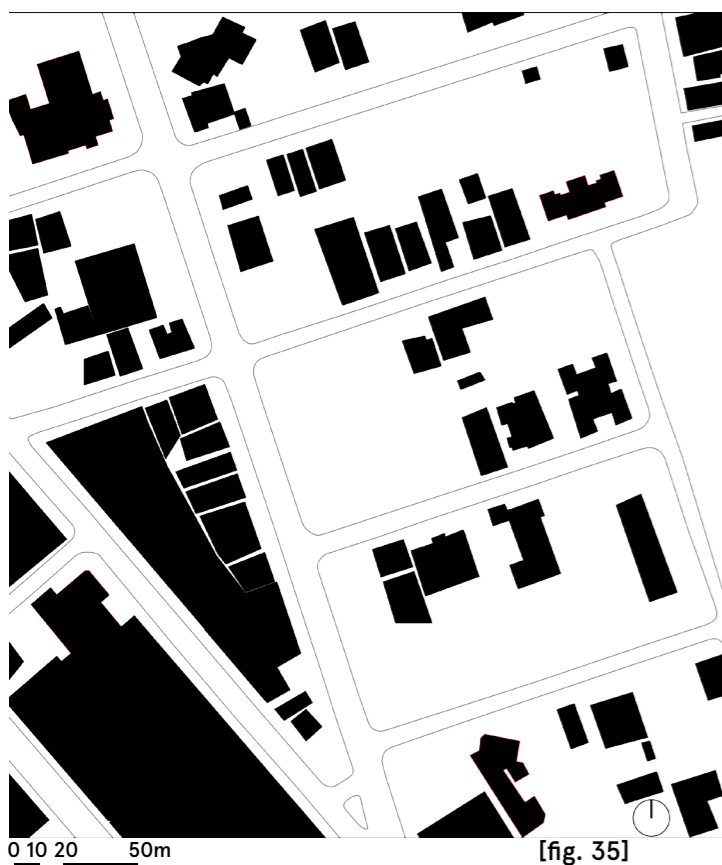
# ANÁLISE DO TERRENO



Os principais usos encontrados em seu entorno são de residências e serviços [fig. 34]. A ocupação dos terrenos é maior quando o uso não é residencial, onde este costuma contar com grandes áreas livres [fig. 35].

A sua topografia é levemente inclinada, tendo um caimento de cerca de 2 metros no terreno [fig. 36].

A Avenida São Francisco, continuando com a Avenida Juscelino Kubitschek, é uma das mais alimentadas pelo transporte público da cidade, contando com linhas de ônibus em seus dois sentidos [fig. 34].



LEGENDAS:  
 [fig. 34] Mapa de usos do solo  
 Fonte: Autoral  
 [fig. 35] Mapa de cheios e vazios  
 Fonte: Autoral  
 [fig. 36] Topografia  
 Fonte: Autoral  
 [fig. 37] Linhas de ônibus  
 Fonte: Autoral

# 5 PROJETO

*Apesar de minha alma viver na escuridão, se erguerá em plena luz. Amei demais as estrelas para temer a noite.*

- Sarah Williams, "The Old Astronomer"

# REFERÊNCIAS PROJETUAIS

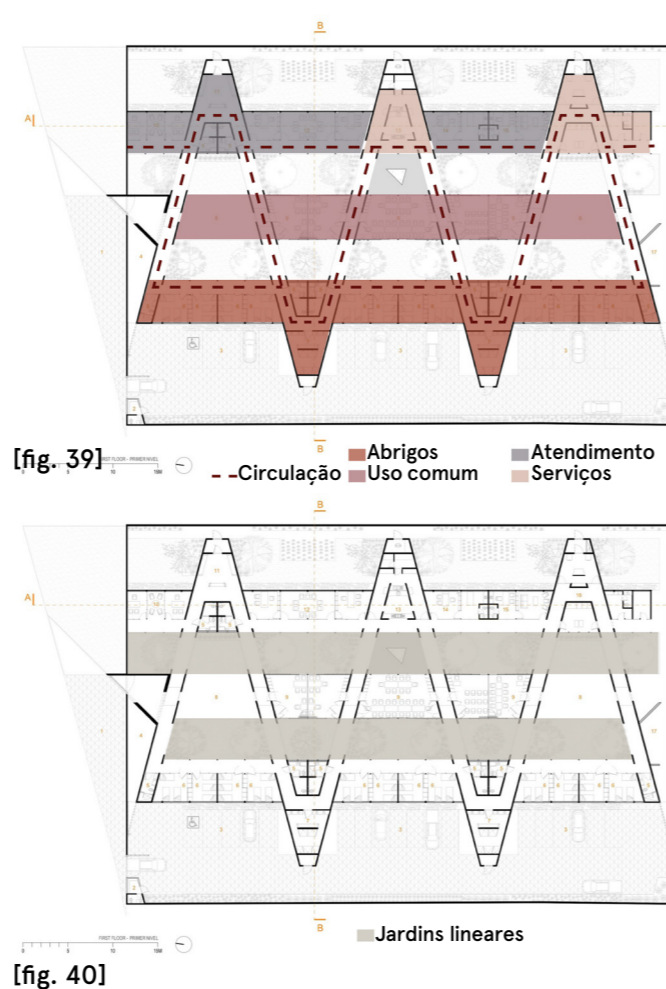
## Refugio para Mujeres Víctimas de la Violencia

LEGENDA:  
[fig. 38]  
Vista do refúgio  
Fonte: ORIGEN 19°41'53" N [fig. 39]  
Setorização  
Fonte: Autoral [fig. 40]  
Jardins lineares  
Fonte: Autoral [fig. 41]  
Vista dos jardins lineares  
Fonte: ORIGEN 19°41'53" N [fig. 42]  
Vista da circulação  
Fonte: Autoral [fig. 43]  
Vestíbulo de acesso  
Fonte: ORIGEN 19°41'53" N

O escritório ORIGEN 19°41' 53" N, formado em arquitetura educacional, foi responsável pelo projeto do Refugio para Mujeres Víctimas de la Violencia [fig. 38]. O projeto, do ano de 2017, foi realizado em Uruapan, no México, e tem seu programa distribuído em 1226 m<sup>2</sup> de área.

O abrigo é um prédio humanitário de assistência social para acolher mulheres que vivem ou que sofreram em algum momento problemas de violência doméstica e de gênero. A preocupação com a segurança e os serviços de ajuda ou assistência oferecidos resultou em um edifício de um pavimento. O refúgio tem um caráter introspectivo, onde a forma não é protagonista no projeto, dando prioridade as relações dos usuários com os espaços e a natureza.

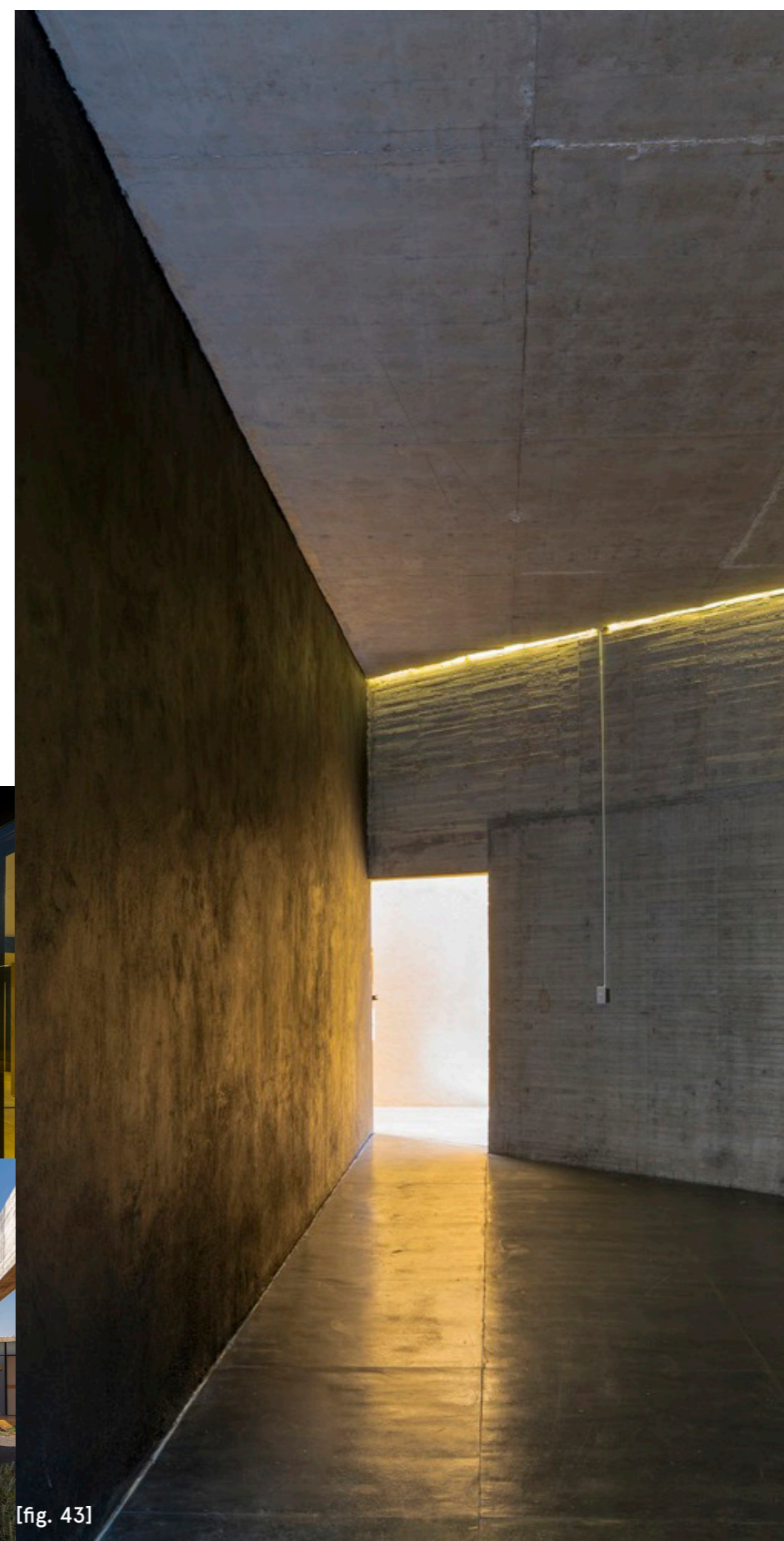
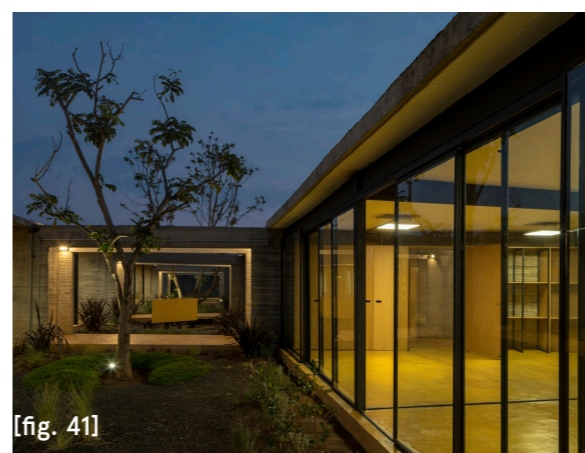
O programa é distribuído em um



sistema de três volumes ortogonais dispostos em paralelo [fig. 39], sendo divididos por jardins longitudinais [fig. 40 e 41]. Essa arquitetura diluída evita que o edifício seja protagonista, privilegiando a relação usuário-natureza, a fim de reduzir a sensação de isolamento.

Os três volumes são conectados por um sistema de caminhos lineares diagonais contínuas, dessa forma a circulação passa por todos os setores e seus espaços são liberados do programa, gerando uma fluidez no projeto e possibilitando rotas dinâmicas [fig. 42].

Um vestíbulo de acesso austero, com alto contraste entre escuridão e luz traz uma experiência sensorial, dando ao visitante uma analogia adequada de luz no fim do túnel, com a presença de uma abertura [fig. 43].



# REFERÊNCIAS PROJETUAIS

## Centro de Tratamento de Câncer

LEGENDA :  
[fig. 44]  
Vista do projeto  
Fonte: Foster + Partners  
[fig. 45]  
Croqui da varanda  
Fonte: Foster + Partners  
[fig. 46]  
Treliças de madeira  
Fonte: Foster + Partners  
[fig. 47]  
Estufa  
Fonte: Foster + Partners  
[fig. 48]  
Destaque nos jardins  
Fonte: Foster + Partners

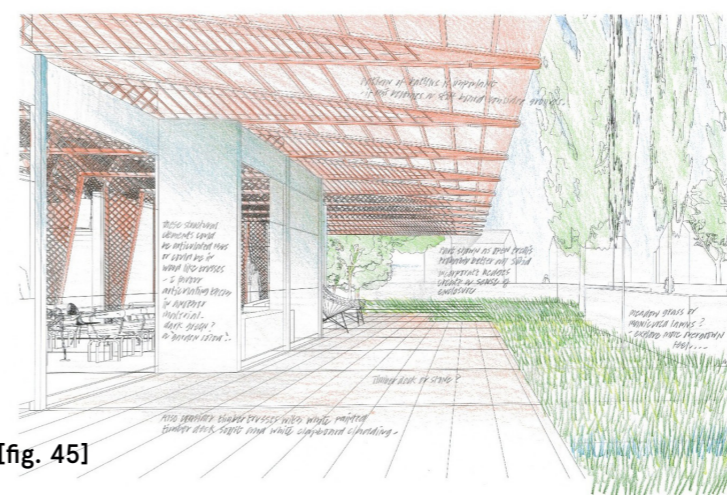
Projetado em 2016 por Norman Foster, arquiteto inglês e vencedor do Prêmio Pritzker em 1999, e seus sócios, o centro conta com 1922 m<sup>2</sup> de área em seu programa. Localizado na cidade de Manchester, o projeto faz parte da Maggie's, instituição de tratamento e apoio ao câncer reconhecida no Reino Unido.

O Centro [fig. 44] foi pensado com o objetivo de estabelecer uma atmosfera doméstica em um cenário de jardim, a fim de proporcionar uma identificação com o lar e seus sentimentos envolvidos, sendo um lugar de refúgio onde as pessoas que estão passando por algum tipo de câncer possam encontrar tratamento e apoio emocional.

O projeto combina uma variedade de espaços, de nichos íntimos e privados, como biblioteca, salas de ginástica e locais para reunir e socializar. Referências institucionais, tais como corredores

e sinalizações hospitalares, foram banidas para não comprometer a ideia de espaços que remetem à atmosfera doméstica. Para isso, a madeira foi escolhida a fim de trazer esse aconchego e conectar mais o edifício com a natureza do entorno [fig. 46].

Em todo o edifício, há um foco na luz natural, vegetação e jardim. A planta é pontuada por pátios paisagísticos e toda a fachada leste estende-se para uma ampla varanda [fig. 45]. Cada cômodo voltado à essa fachada possui seu próprio jardim. O beiral da extremidade sul do edifício estende-se para acolher uma estufa [fig. 47], que oferece um jardim, um espaço para que as pessoas possam se reunir, fazer atividades manuais ou simplesmente desfrutar das qualidades terapêuticas da natureza e do ar livre.



[fig. 45]



[fig. 46]



[fig. 47]



[fig. 44]



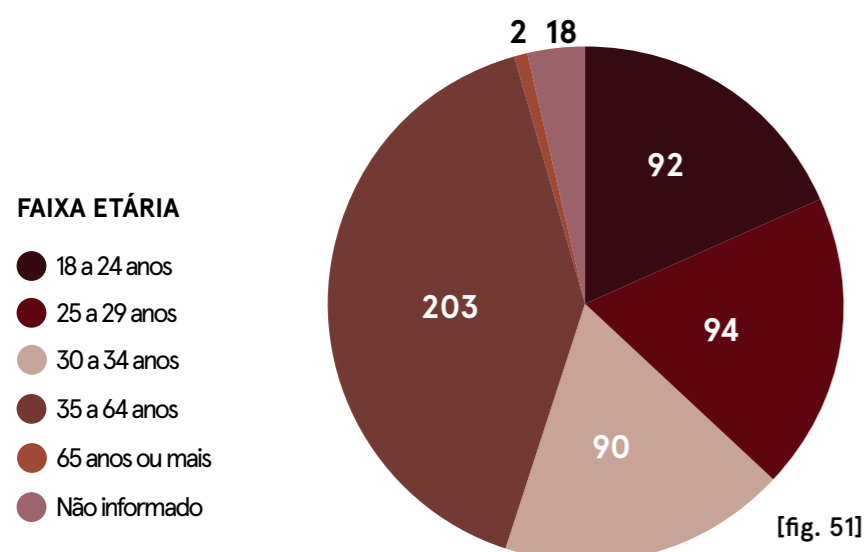
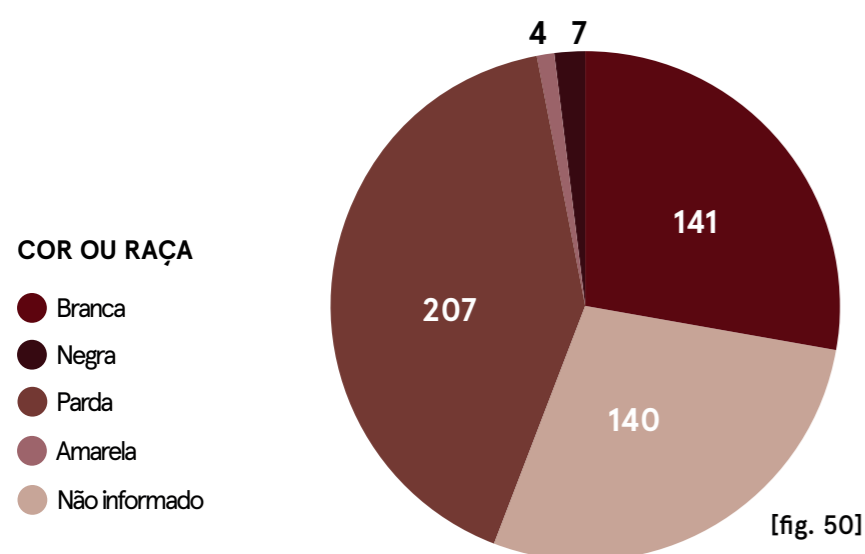
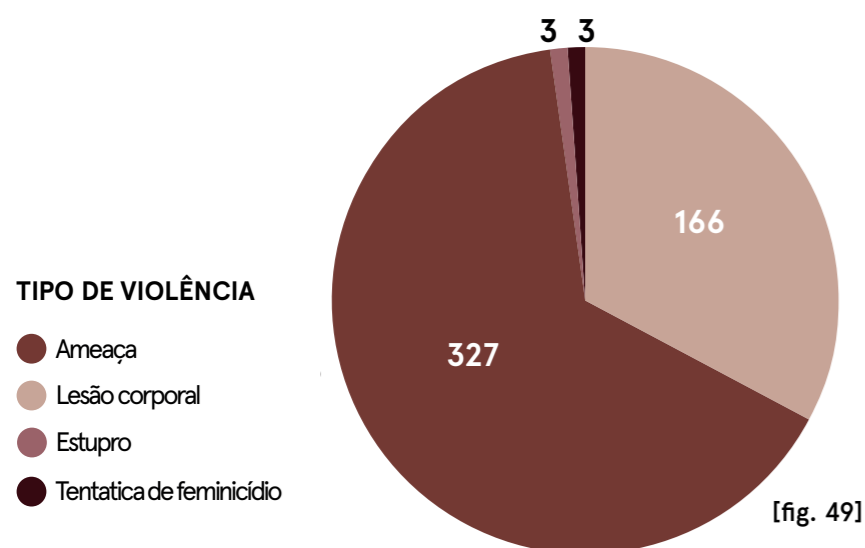
Jardins fachada Leste

Estufa

Horta

[fig. 48]

# USUÁRIO



No primeiro semestre de 2022, foram registrados 499 denúncias na Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM) de Anápolis-GO. As violências do tipo ameaça e lesão corporal expressam o maior número dos casos.

A maior parte das denúncias é apresentada por mulheres brancas e pardas, porém não representa totalmente a realidade. Esse índice levanta a discussão das subnotificações das violências, principalmente das mulheres pretas.

Na questão da idade, o gráfico demonstra que a violência está presente no mundo feminino em toda a sua vida, acompanhando todas as suas faixas etárias.

Em agosto de 2022, vinte e sete mulheres foram atendidas no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua de Anápolis (Centro POP), onde buscavam auxílio com alimentação, higiene, roupas e encaminhamentos médicos.

Em entrevista realizada no mês de setembro de 2022, a coordenadora do Centro POP, relatou que é muito raro as mulheres denunciarem as violências sofridas, principalmente quando o agressor é seu parceiro. Nesses casos é comum que elas permaneçam nessa situação até não conseguirem aguentar, porém a busca por outro companheiro tende a levar a um novo ciclo de violências que vão se intensificando e repetindo.

Ana<sup>6</sup> tem 45 anos mora nas ruas de Anápolis desde os 43 com seu marido. No momento os dois passam a noite em uma casa abandonada e ela trabalha durante o dia como faxineira. A mulher, que sempre vai o Centro POP para se alimentar, destaca que as principais violências sofridas são humilhações, furtos e agressões policiais. Para Cecília<sup>7</sup>, que tem 21 anos e trabalha há 3 como malabarista nas ruas, as violências verbais e físicas têm origem no “preconceito, fascismo e patriotismo”. A malabarista relata que diversas vezes já foi confundida com imigrante e hostilizada por isso, onde a mandavam voltar pro seu país.

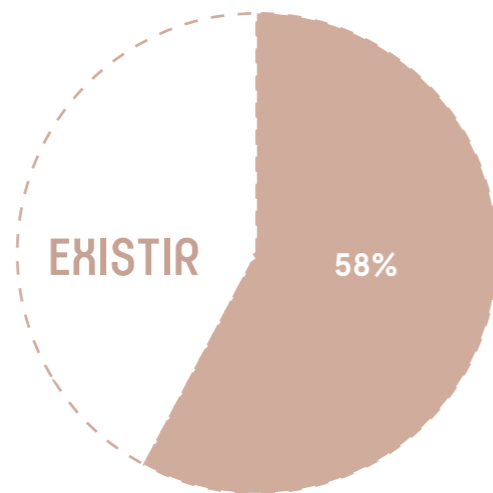


[fig. 52]

NOTAS:  
<sup>6</sup>Identidade não revelada.  
<sup>7</sup>Identidade não revelada.  
 LEGENDA:  
 [fig. 49]  
 [fig. 50]  
 [fig. 51]  
 Dados de denúncias na DEAM de Anápolis.  
 Fonte: Autoral [fig. 52]  
 Foto mulher pedindo dinheiro na rua  
 Fonte: Autoral

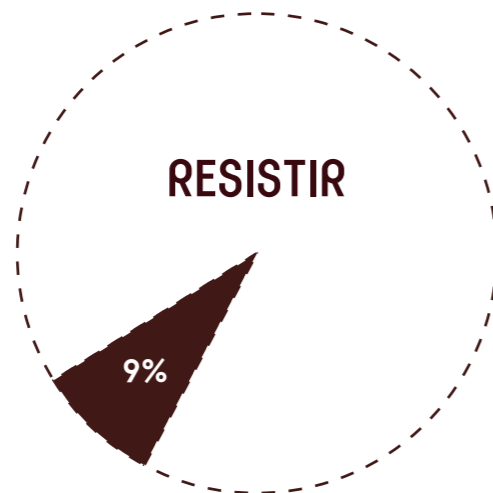
# PROGRAMA

No setor **EXISTIR** serão trabalhados espaços de acolhimento e amparo médico e psicológico. Ambientes que trabalhem as questões de identidade, pertencimento, autoconhecimento do seu corpo e sua mente, seu território. São inseridos, também, os ambientes de abrigo temporário, a fim de suprir as necessidades básicas das mulheres de rua. A ala da saúde contempla, ainda, a distribuição de absorventes, preservativos, anticoncepcionais e encaminhamentos para exames. Os banheiros e vestiários são destinados à todas, independente se escolheram se abrigar ou não, criando assim um ponto de apoio às mulheres de rua.



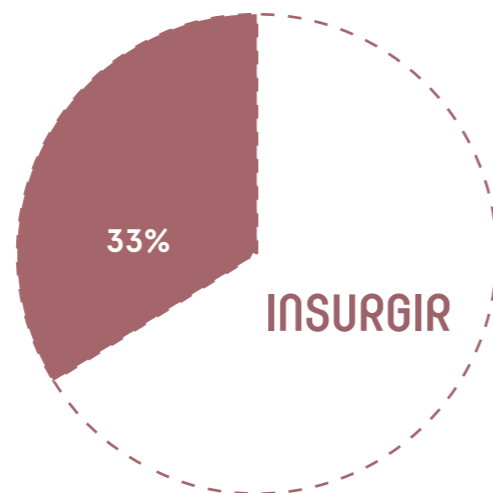
- Recepção
- Enfermaria
- Consultório médico
- Consultório psicológico
- Salas de terapia
- Bazar
- Dormitórios familiares
- Dormitórios individuais
- Dormitórios provisórios
- Redário
- Refeitório
- Cozinha
- Lavanderia
- Brinquedoteca
- Sala de TV
- Banheiros e vestiários

O setor **RESISTIR** abrange espaços de aconselhamento e medidas jurídicas, buscando a garantia plena dos seus direitos como cidadã. Também estão presentes os ambientes de administração e serviços do edifício.



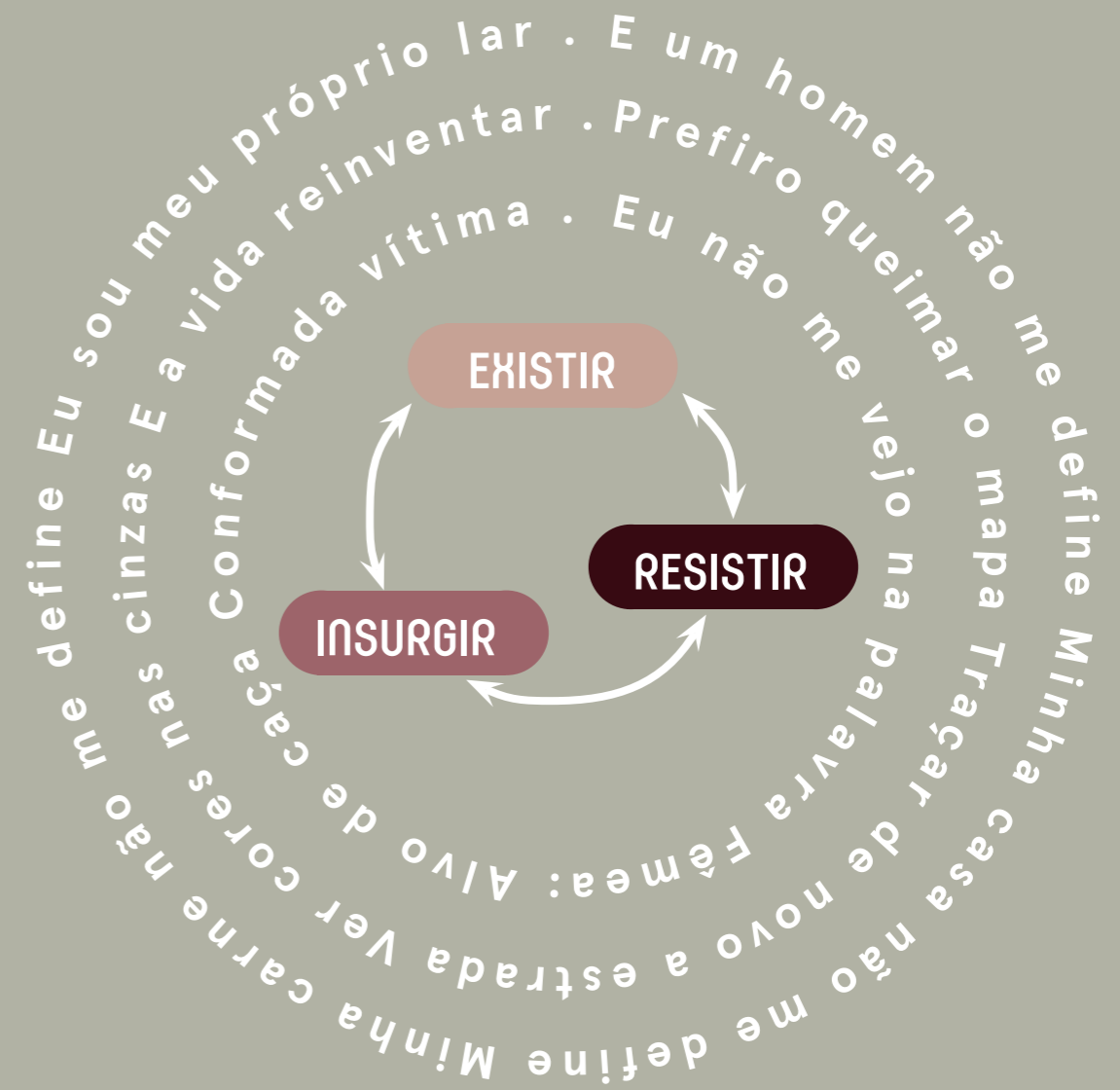
- Delegacia da Mulher
- Sala advogados
- Sala de Segurança
- Sala assistente social
- Coordenação
- Copa
- Sala Funcionários
- DML
- Banheiros e Vestiários

O **INSURGIR** conta com espaços que promovam a capacitação profissional e preparem as mulheres para reingressarem na sociedade. De forma que consigam se sobrepôr ao sistema patriarcal.



- Café
- Curso de panificação e confeitaria
- Cursos de estética
- Sala de informática
- Academia
- Sala de desenvolvimento profissional
- Sala de Informática
- Viveiro
- Curso de jardinagem
- Banheiros

# CONCEITO



A casa de acolhimento feminino tem como objetivo o reestabelecimento da saúde física e mental, ser um local onde as mulheres possam se fortalecer e insurgir na sociedade com o poder de resistir. O projeto visa acolher o público feminino de uma forma geral, principalmente as mulheres vítimas de violência e as que se encontram nas ruas da cidade. Para isso, o projeto arquitetônico deve demonstrar sensibilidade e força, deve tratar o passado na luta pelo futuro.

A luta feminina contra o machismo e suas violências é um processo diário de cair e levantar, onde o importante é saber se manter em constância para que a cada dia tenhamos mais progresso. Dessa forma, estamos sempre no ciclo de **EXISTIR, RESISTIR e INSURGIR**.

Essas três premissas serão trabalhadas no edifício de diversas formas:

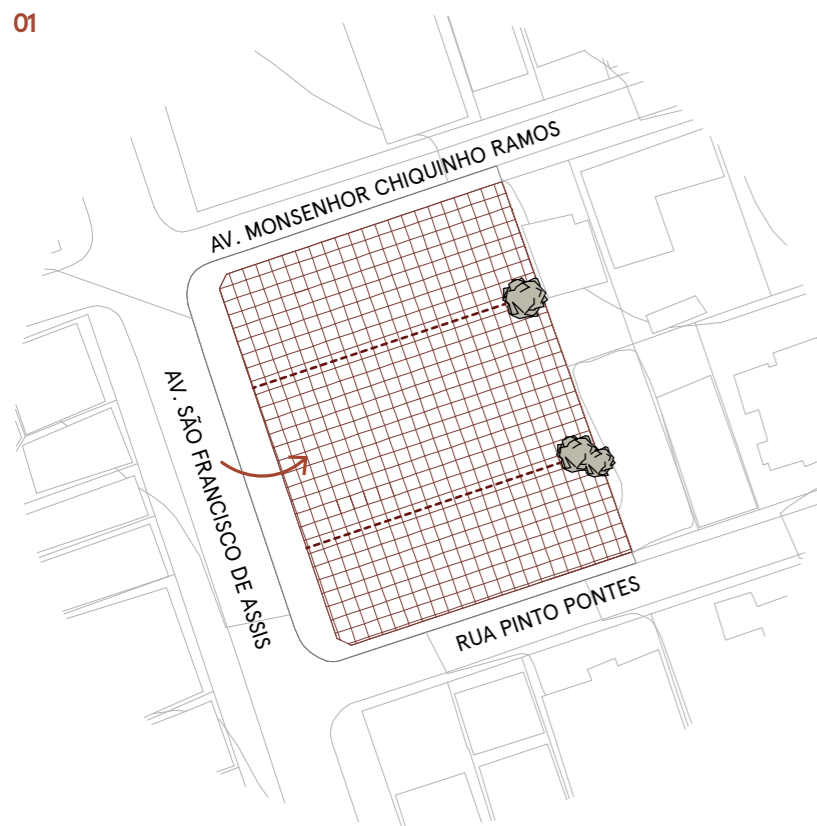
- Volume instrospectivo;
- Pátios e jardins;
- Madeira e concreto, como forma de acolhimento e resistência;
- Circulação fluida entre os setores.

Triste, Louca  
Ou Má -  
Francisco, el  
Hombre

# PROCESSO PROJETUAL

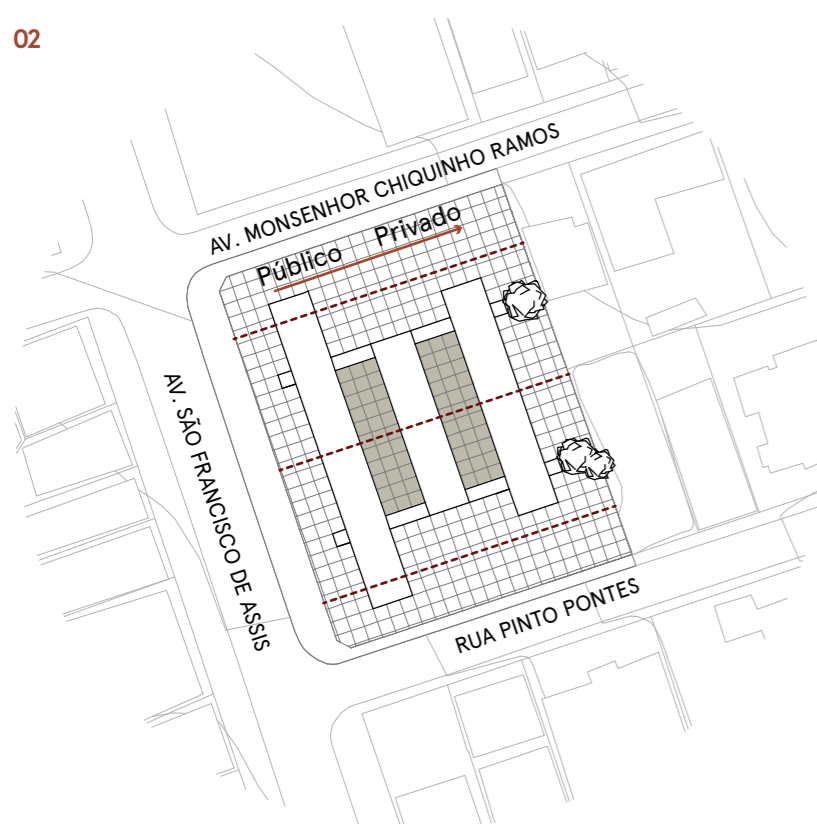
## APROPRIAÇÃO DO TERRENO

01



01. Primeiro foram identificadas três árvores no terreno, que serviram para a criação de dois eixos, conectando-as à Avenida São Francisco, escolhida para gerar o acesso ao edifício. Partindo desses eixos e das extremidades do terreno, foi estabelecida uma malha de 2,50m X 2,50m.

02

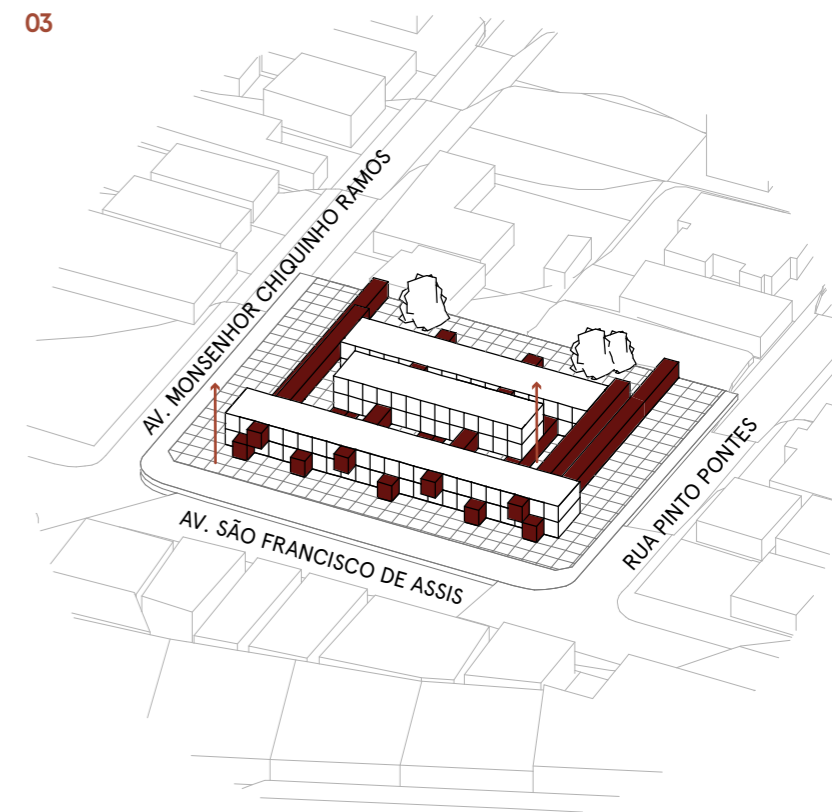


02. A organização do programa no terreno é ordenada do mais público ao mais privado. A prioridade é que os espaços de abrigo e acolhimento fiquem mais ao fundo do lote, de forma a se distanciar da Avenida São Francisco, por conta da sua movimentação e poluição sonora. Foram implantados 3 volumes, perpendiculares em relação ao acesso, com um espaçamento de 7,50 metros entre cada um, gerando jardins internos. Foram determinados outros 3 eixos de fluxo partindo da Av. São Francisco.

# PROCESSO PROJETUAL

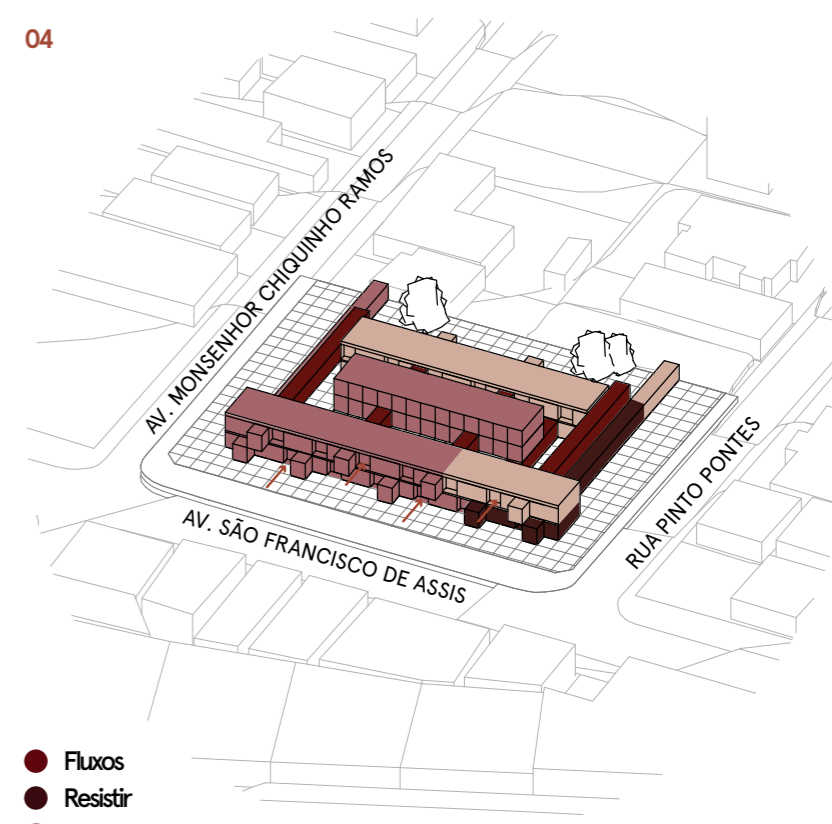
## GERAÇÃO DO VOLUME

03



03. Cada bloco ganhou mais um pavimento. O bloco central foi elevado, para que fosse insurgente diante da composição e liberasse o térreo. Nesse momento, a dimensão da largura da malha adotada foi rebatida verticalmente nos volumes, onde se encaixaram mais eixos de circulação, inclusive os dois das extremidades no térreo, que já servem como muro e respeitam 5 metros de recuo. Os volumes das circulações foram colocados seguindo um ritmo com 5 vãos entre cada um, em exceção das extremidades no térreo, que para seguir o recuo ficaram com 3 vãos.

04



04. Para que a fachada não insurgisse, as fachadas foram trabalhadas de forma a terem volumes em avanço ou recuo, dando dinâmica. A composição de aberturas diretas e indiretas traz porosidade ao edifício sem expor todo o seu interior. Para dar continuidade nessa ideia, foram colocados brises verticais nas circulações do primeiro pavimento.

- Fluxos
- Resistir
- Insurgir
- Existir

# PARTIDO

## EXISTIR

A madeira foi utilizada para dar sentido ao sentimento de acolhimento necessário para que as mulheres se sintam bem com elas mesmas e possam passar pelo seu processo de redescoberta do seu eu.

## RESISTIR

O concreto foi escolhido para representar a força, sendo um material que expressa resistência mas não repele ou oprime as usuárias.

## INSURGIR

A materialidade do bloco central, em madeira, ajuda na ideia de ter um volume se destacando dos demais.

O cobogó foi utilizado como forma de permeabilidade visual moderada.

A grade metálica aparece no bloco central como elemento de vedação vazado.

O granilite foi escolhido para o piso.

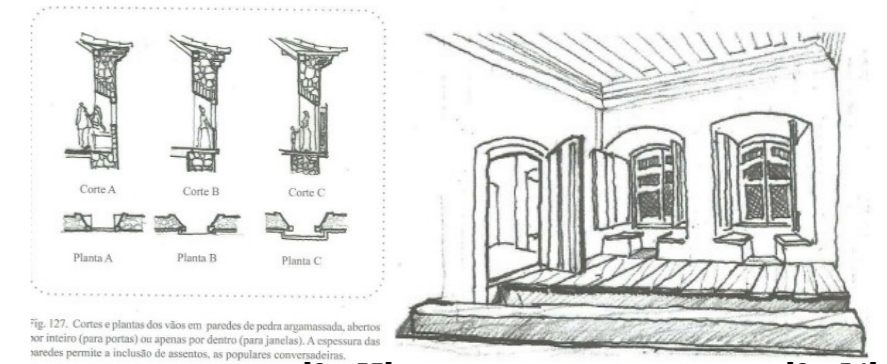
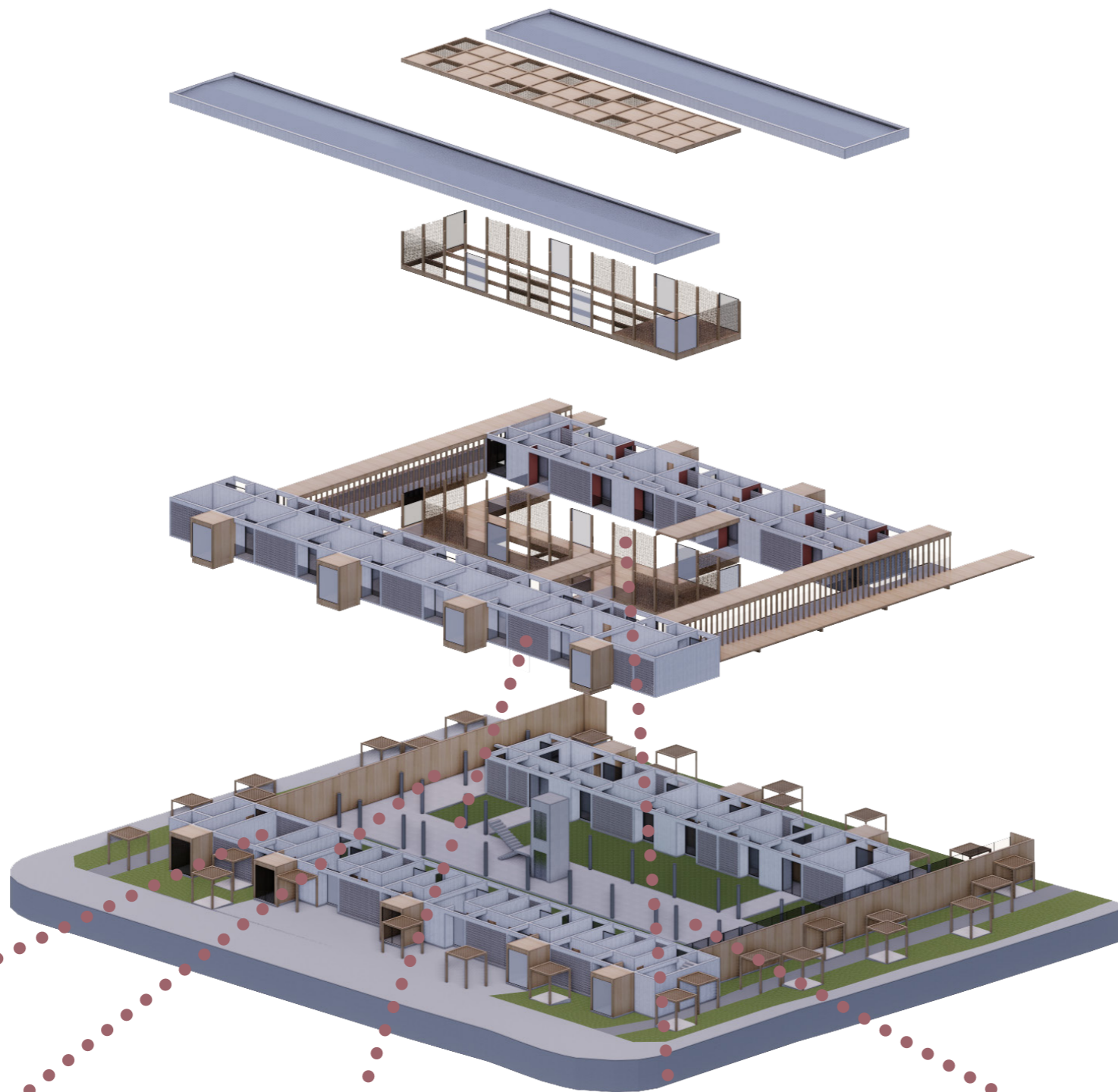
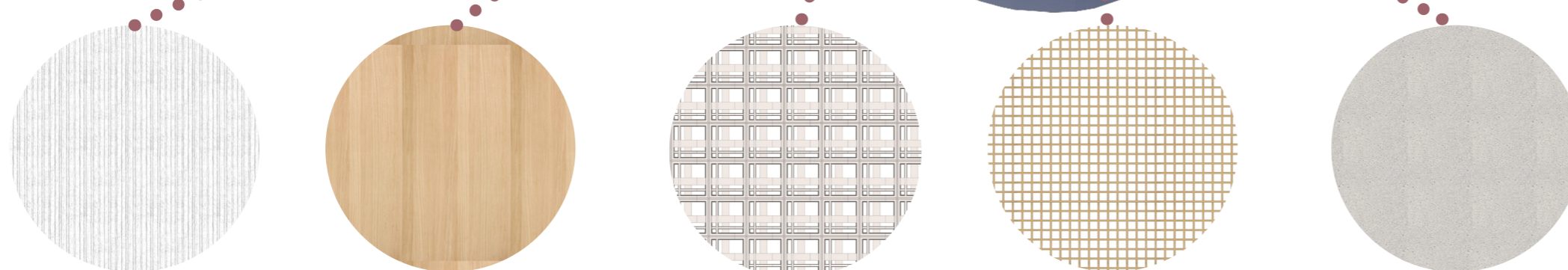
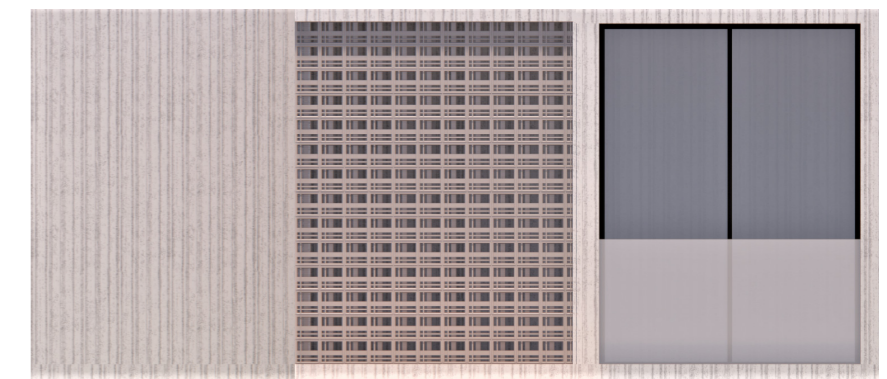


Fig. 127. Cortes e plantas dos vãos em paredes de pedra argamassada, aberturas inteiras (para portas) ou apenas por dentro (para janelas). A espessura das paredes permite a inclusão de assentos, as populares conversadeiras. [fig. 53]

[fig. 54]



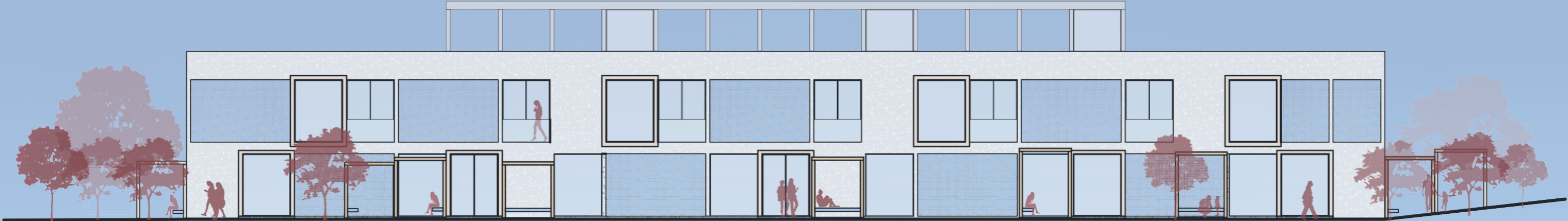
No Brasil Colônia, as moças deveriam ficar “resguardadas”, por isso seus dormitórios não possuíam janelas. Com essa mesma justificativa, muitas casas tinham aberturas com muxarabis, que permitiam às mulheres observar o exterior sem serem vistas por estranhos. Outra característica presente na arquitetura colonial é a de aberturas em paredes espessas, que gerava um recuo semelhante à uma varanda, um pequeno espaço de permanência que poderia ou não contar com um assento.

Tais premissas foram aplicadas no projeto em uma proposta de ressignificar seus ideais, aqui a mulher escolhe como se relaciona com o exterior, onde os elementos utilizados na fachada geram três níveis de exposição. Ela pode permanecer oculta com uma parede cega, se expor parcialmente através do cobogó ou se projetar para o mundo nas varandas com vidro.

LEGENDA :  
[fig. 53]  
Paredes de pedra argamassada.  
Fonte : VERÍSSIMO, F. S.; BITTAR, W. S. M.; MENDES FILHO, F. A.  
[fig. 54]  
Conversadeira  
Fonte : VERÍSSIMO, F. S.; BITTAR, W. S. M.; MENDES FILHO, F. A.



# PARTIDO



FACHADA SUDOESTE (AVENIDA SÃO FRANCISCO DE ASSIS)

0 2,5 5 10m



# PARTIDO



FACHADA NOROESTE (R. MONSENHOR CHIQUINHO RAMOS)

0 2,5 5 10m



# PARTIDO

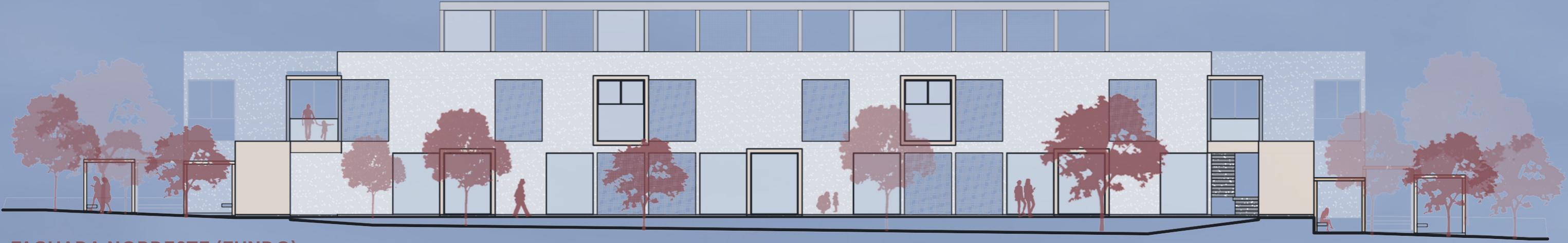


FACHADA SUDESTE (R. PINTO PONTES)

0 2,5 5 10m



# PARTIDO



FACHADA NORDESTE (FUNDO)

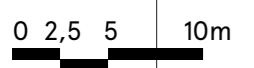
0 2,5 5 10m



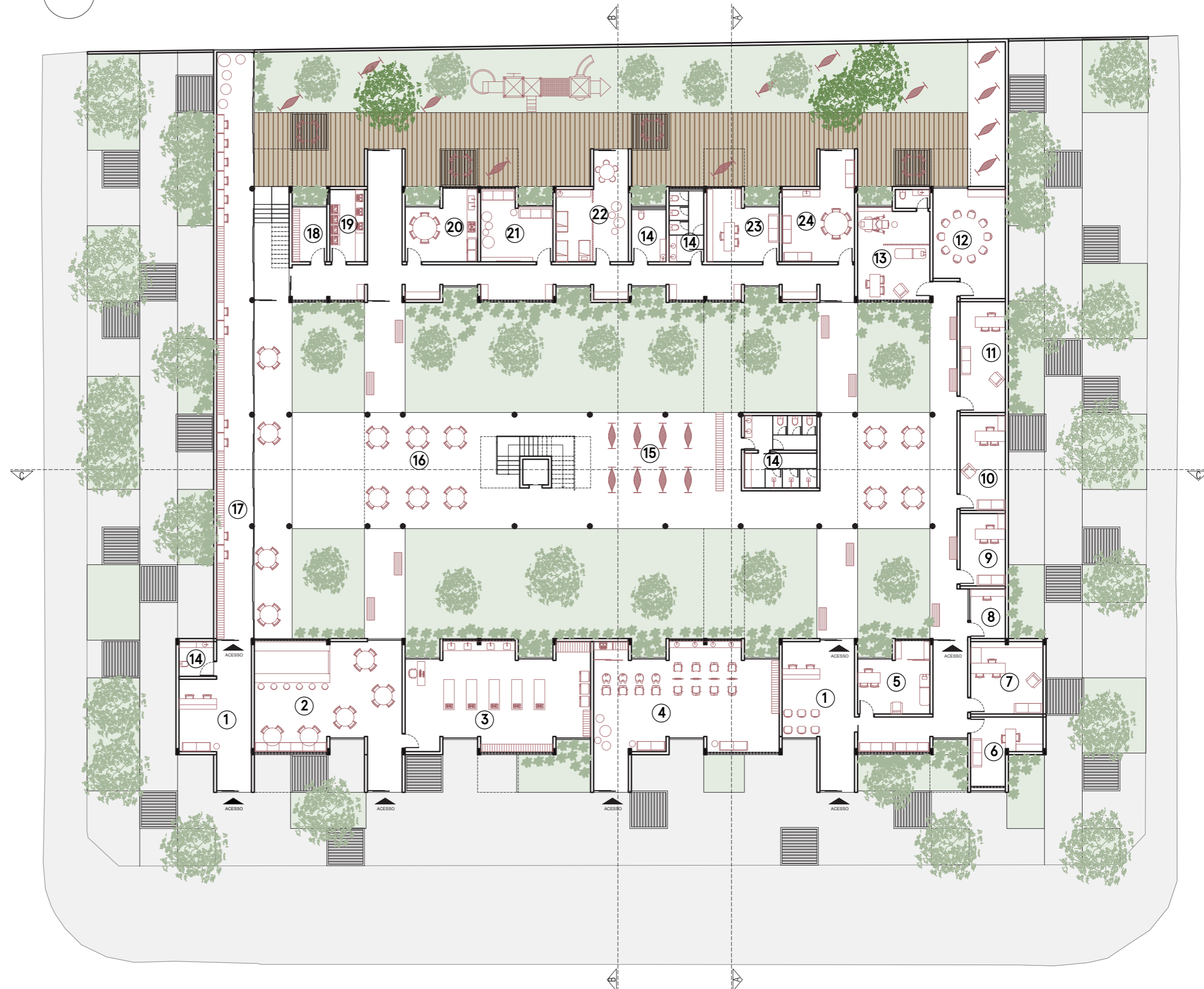
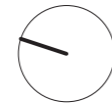
# IMPLANTAÇÃO



NÍVEL: + 0,10m



# TÉRREO

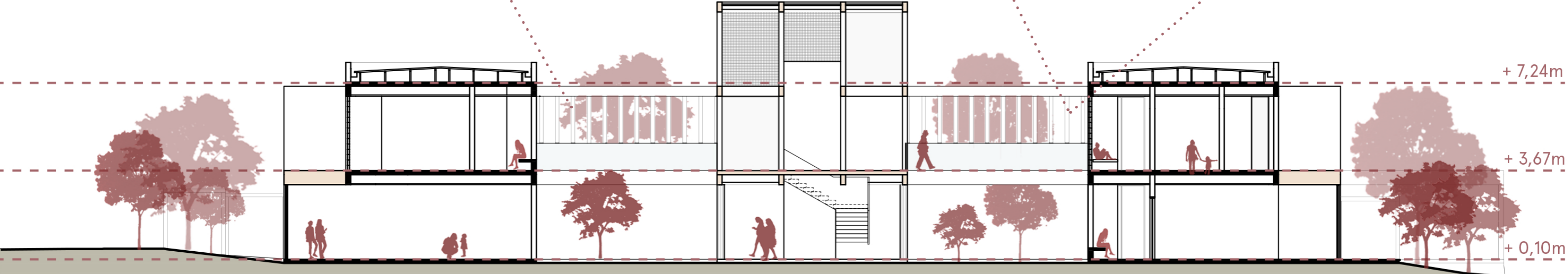
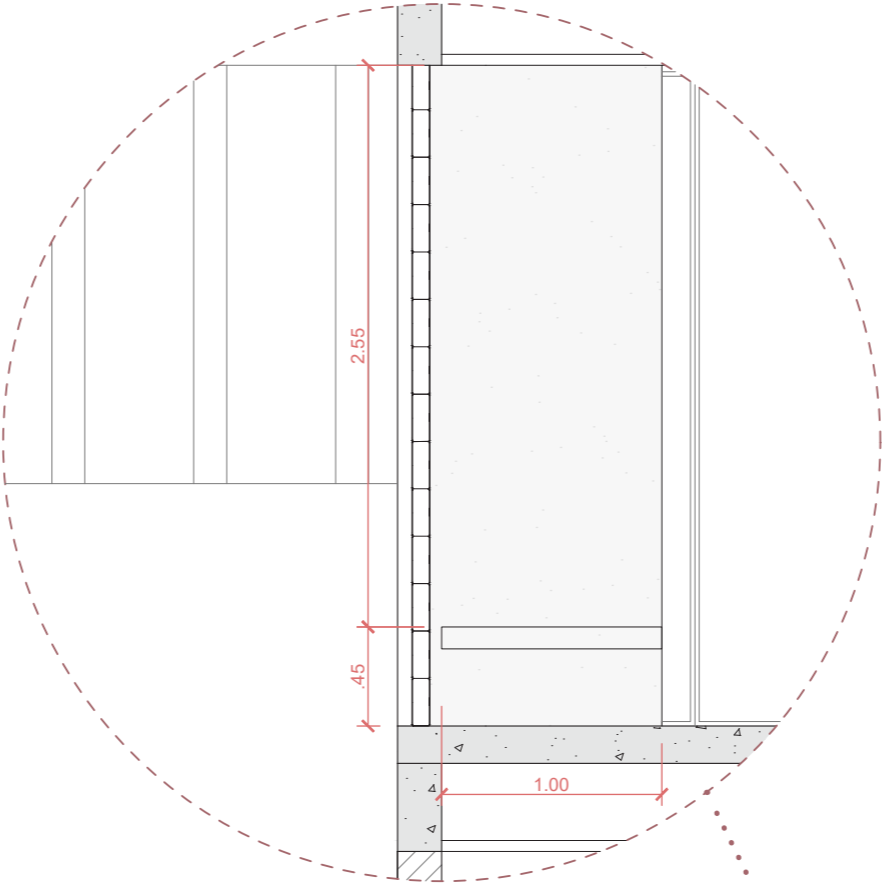
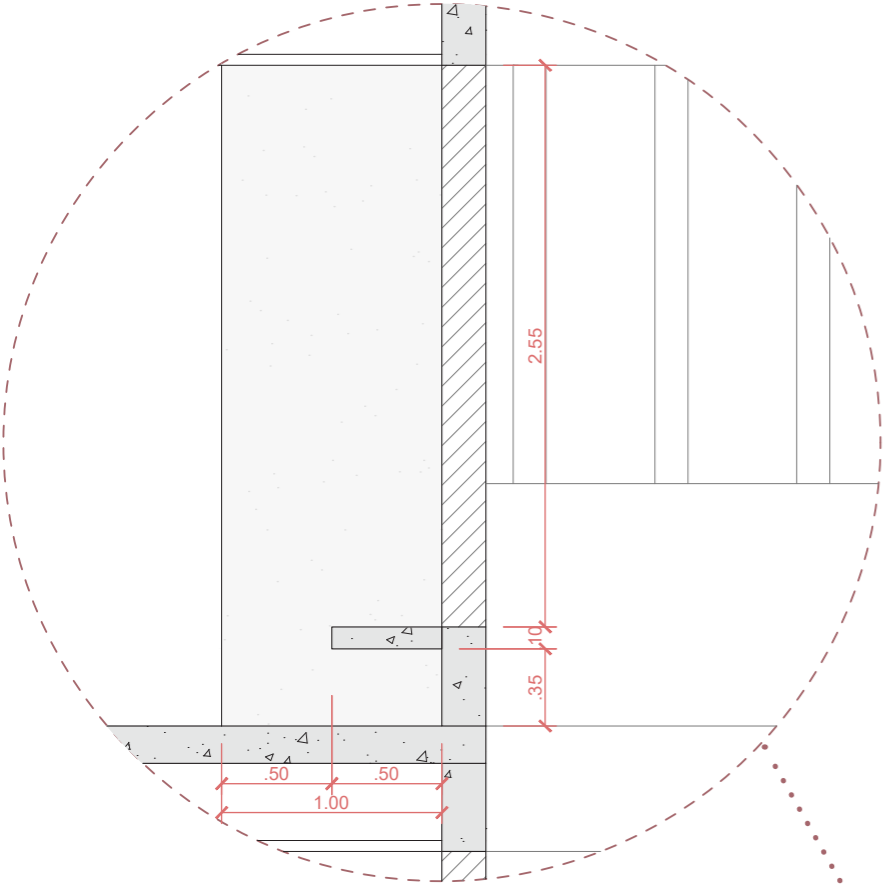


- 1. Recepção
- 2. Café
- 3. Sala de panificação e confeitaria
- 4. Sala de estética
- 5. Enfermaria
- 6. Sala de denúncia e depoimento
- 7. Sala delegada
- 8. Segurança
- 9. Sala de advocacia
- 10. Assistência Social
- 11. Terapia individual
- 12. Terapia coletiva
- 13. Consultório médico
- 14. Banheiros
- 15. Redário
- 16. Refeitório
- 17. Biblioteca
- 18. DML
- 19. Lavanderia
- 20. Cozinha
- 21. Sala de TV
- 22. Brinquedoteca
- 23. Coordenação
- 24. Sala de funcionários

NÍVEL: + 0,10m



# CORTE C



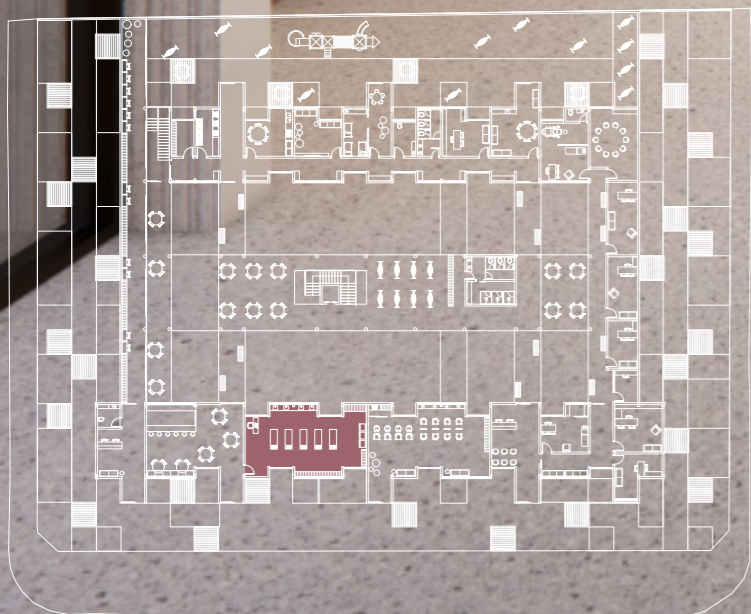
0 2,5 5 10m

# CAFÉ





# CONFEITARIA E PANIFICAÇÃO



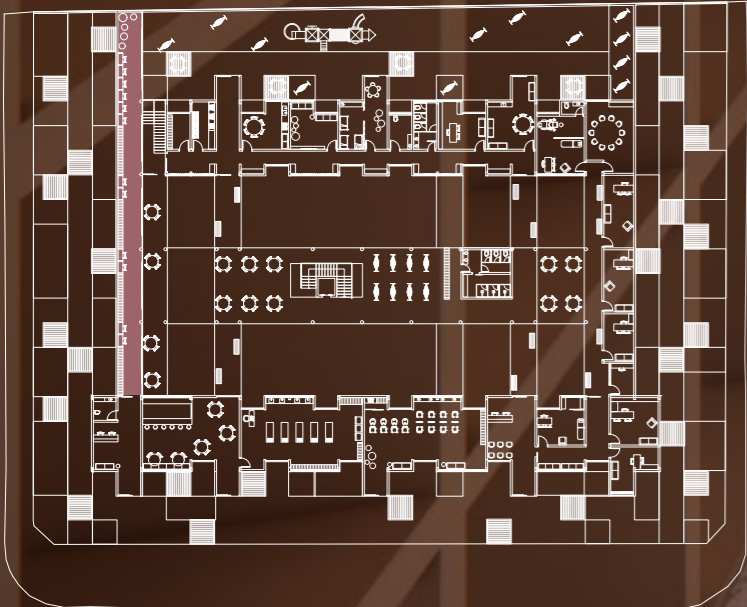
# ESTÉTICA



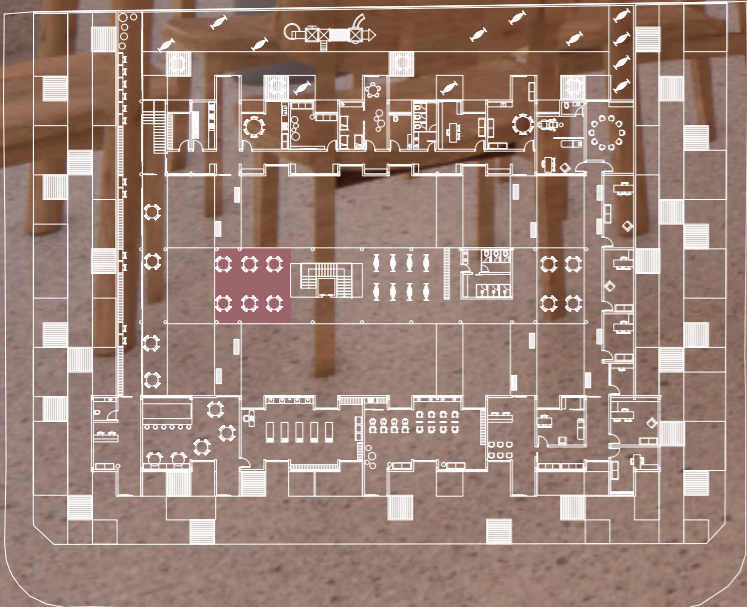
# ESTÉTICA



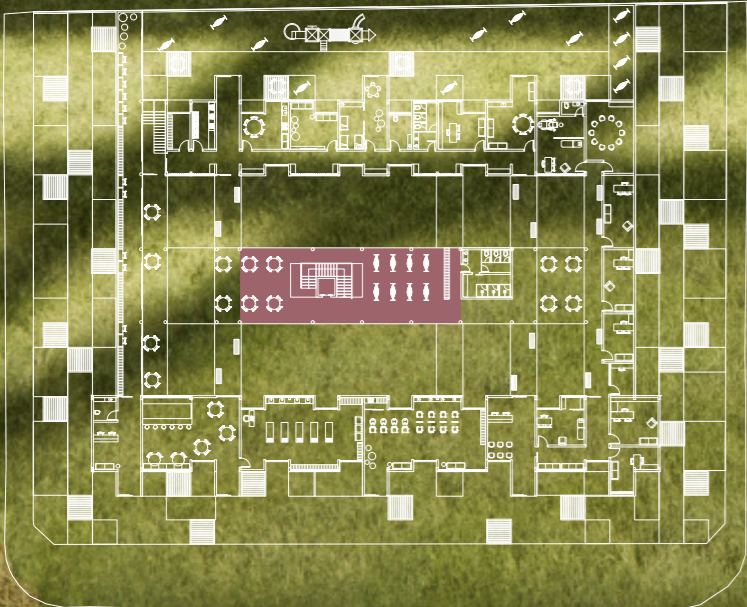
# BIBLIOTECA

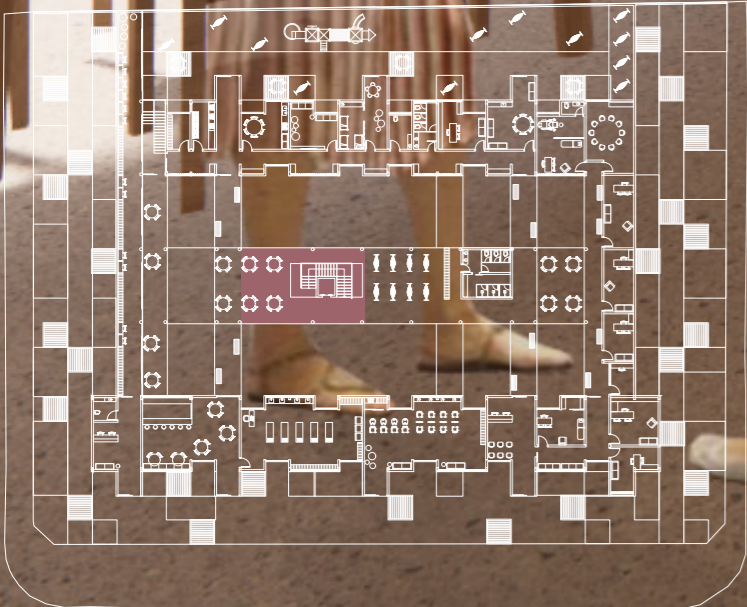


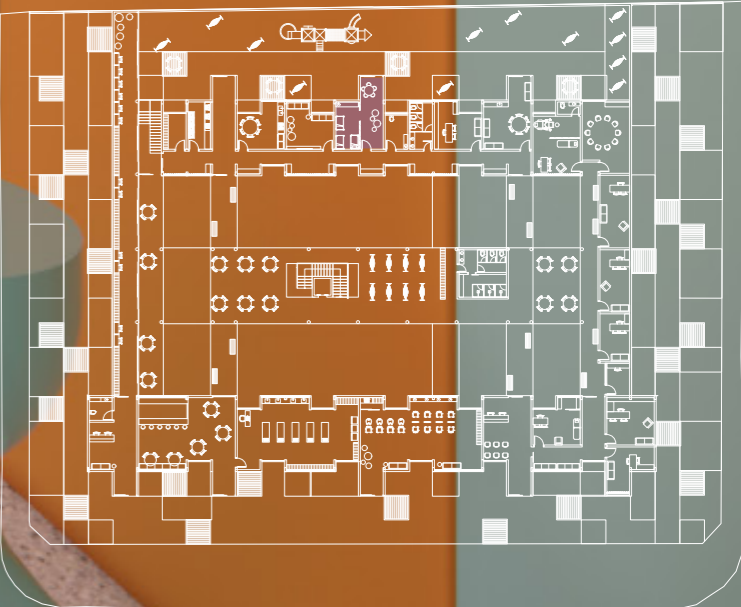
# PÁTIO



# PÁTIO





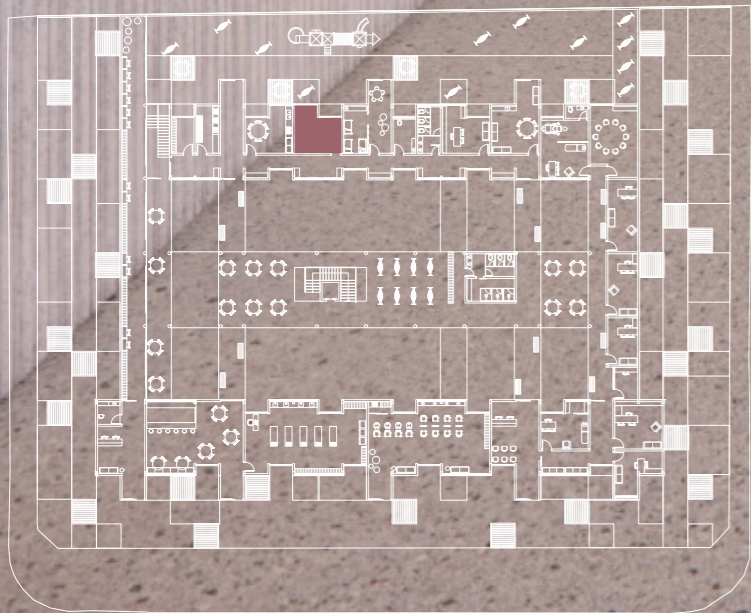




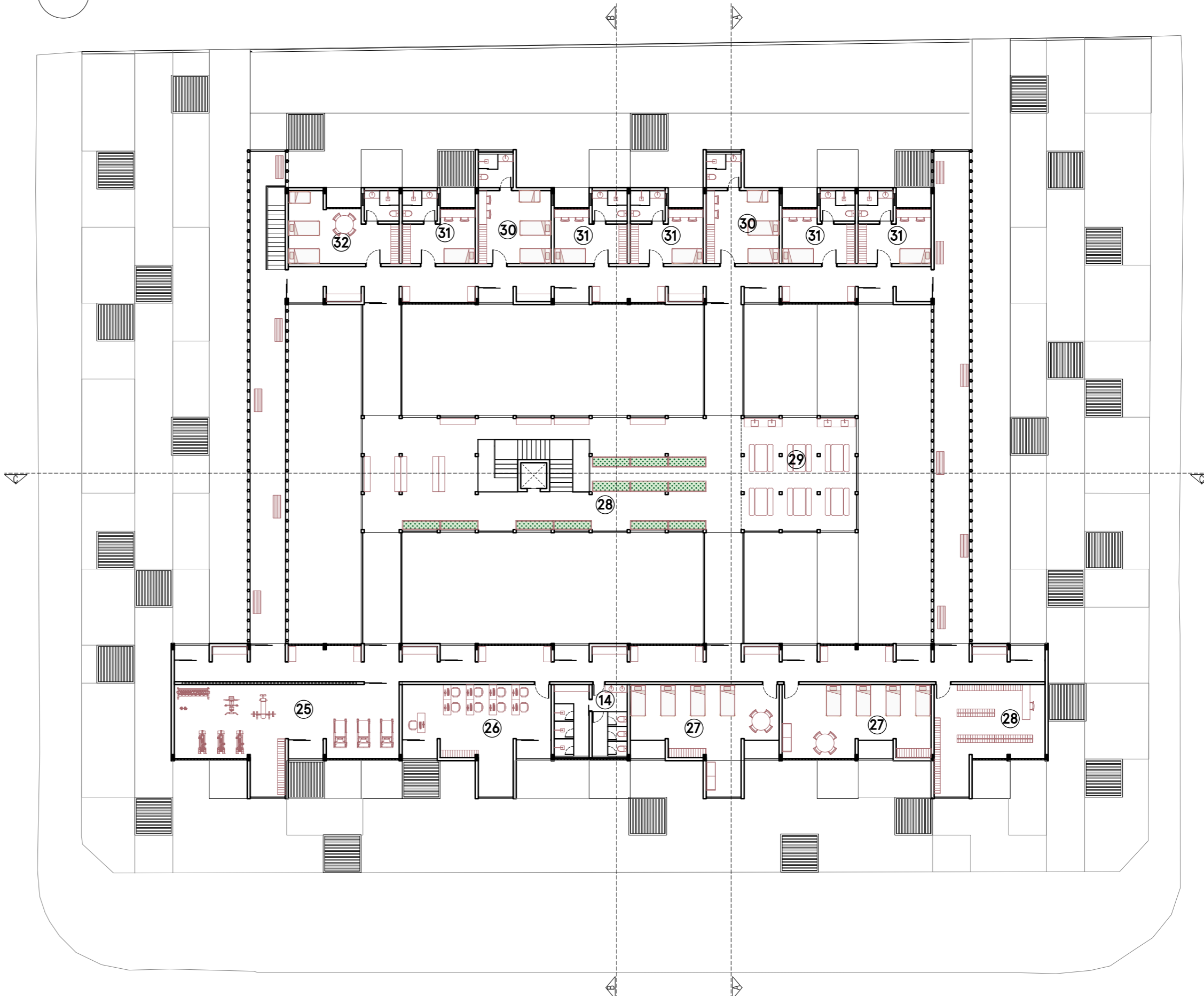
# BRINQUEDOTECA



# SALA DE TV



# PRIMEIRO PAVIMENTO



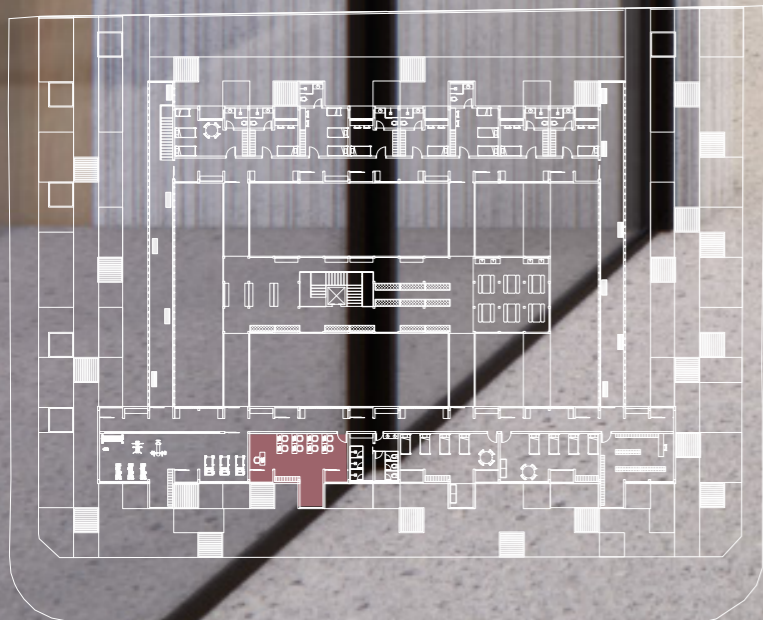
- 14. Banheiro
- 25. Academia
- 26. Sala de informática
- 27. Dormitório coletivo
- 28. Viveiro
- 29. Jardinagem
- 30. Quarto tipo 1
- 31. Quarto tipo 2
- 21. Quarto tipo 3

NÍVEL: + 3,67m  
0 2,5 5 10m

# ACADEMIA

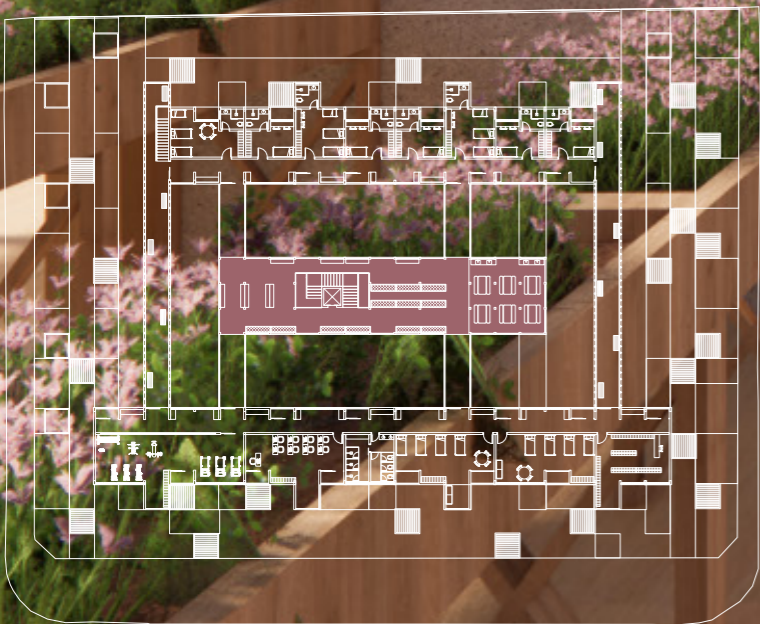


# SALA DE INFORMÁTICA

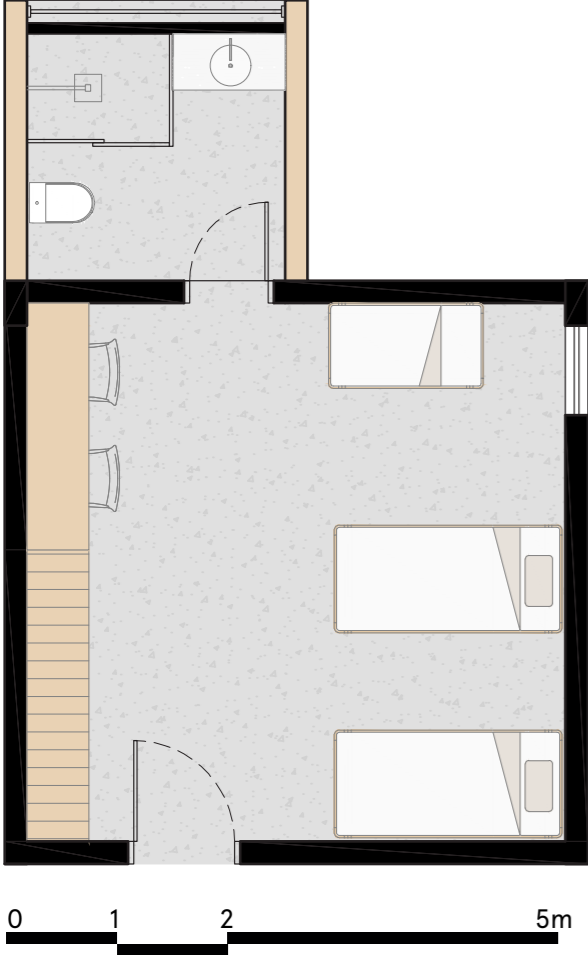




# VIVEIRO



# DORMITÓRIOS

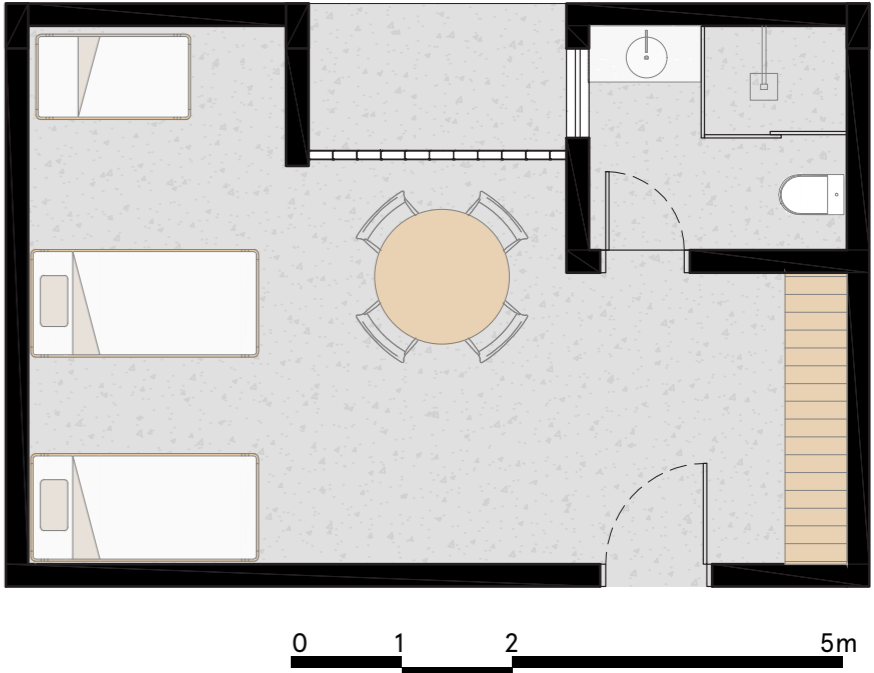


QUARTO TIPO 1

Capacidade máxima: 5 pessoas  
 2 beliches + 1 berço  
 Permanência temporária

QUARTO TIPO 3

Capacidade máxima: 5 pessoas  
 2 beliches + 1 berço  
 Permanência temporária

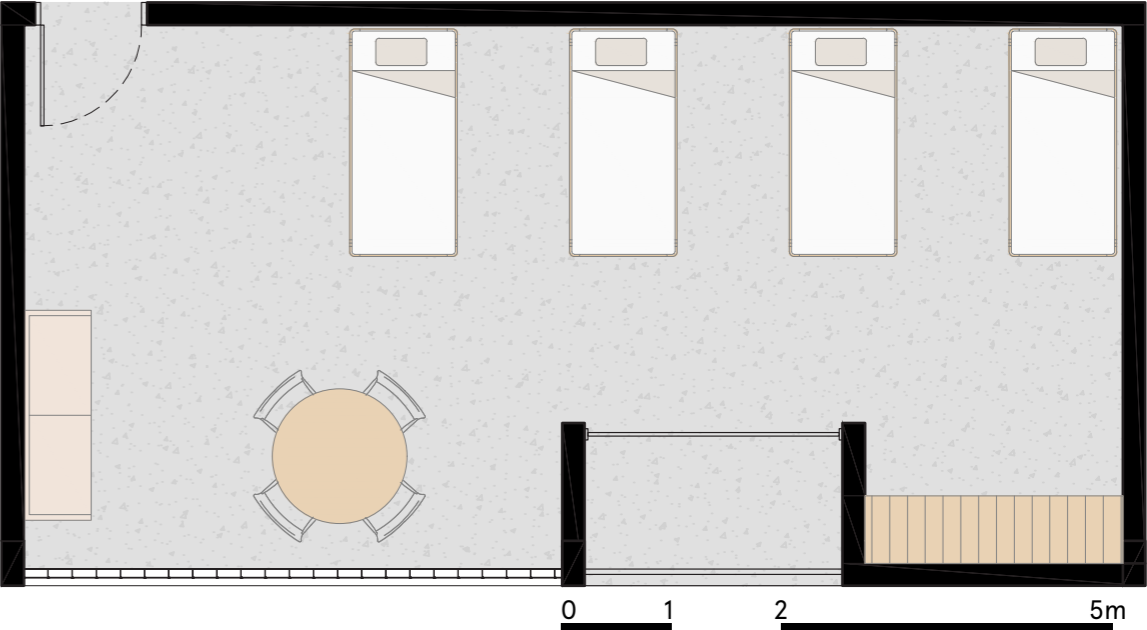
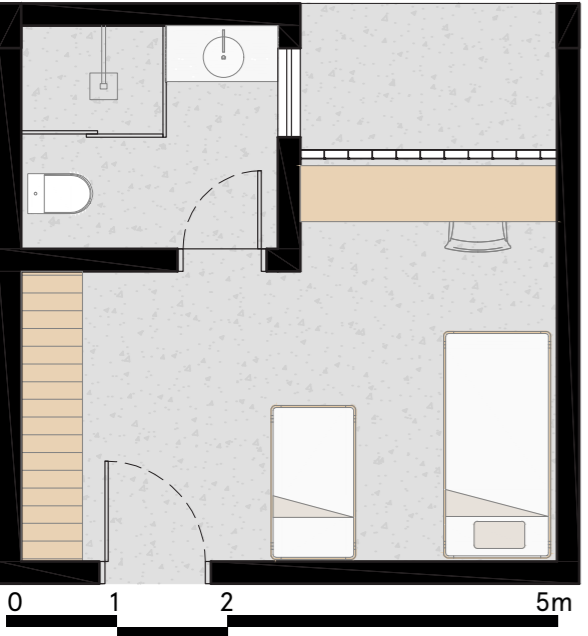


QUARTO TIPO 2

Capacidade máxima: 2 pessoas  
 1 cama + 1 berço  
 Permanência temporária

DORMITÓRIO COLETIVO

Capacidade máxima: 8 pessoas  
 4 beliches  
 Permanência diária

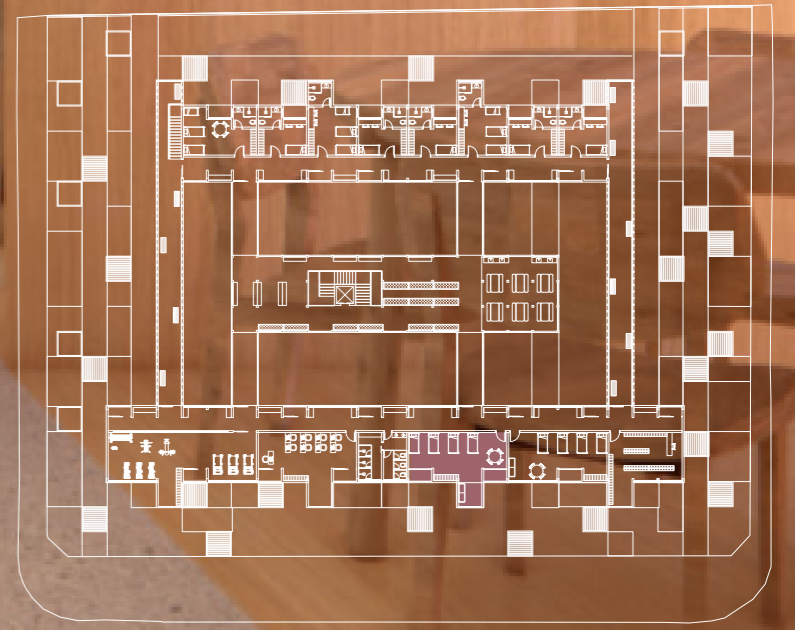




# QUARTO TPO 2

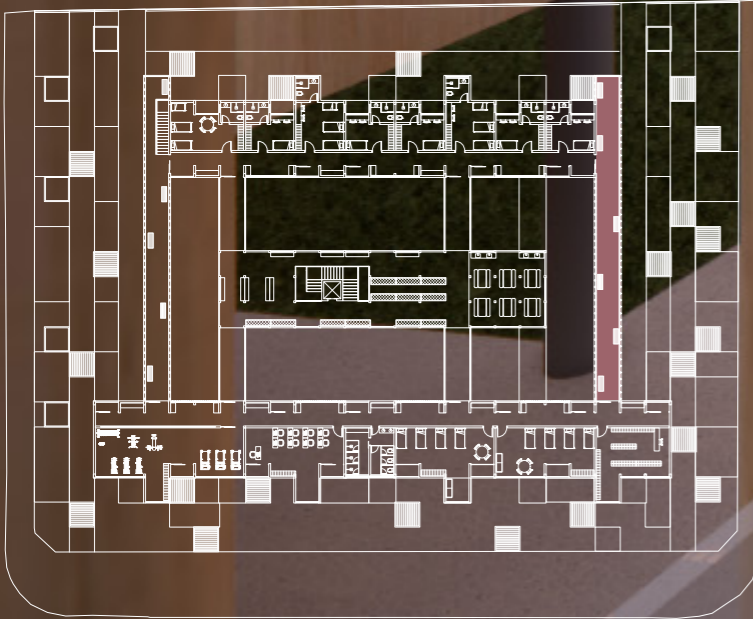


# DORMITÓRIO COLETIVO

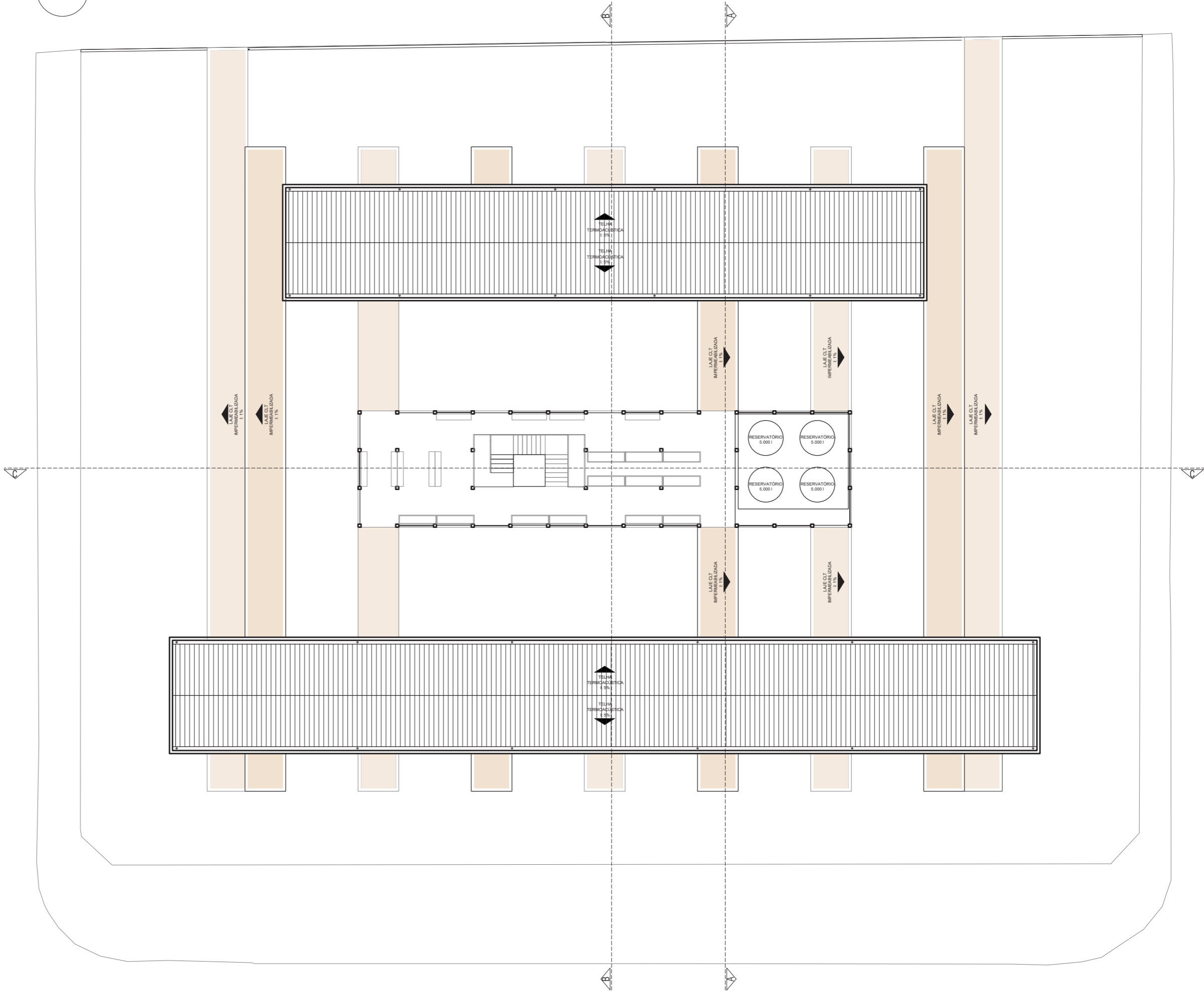


# DORMITÓRIO COLETIVO





# BARRILETE



NÍVEL: + 7,24m  
0 2,5 5 10m

# CORTE A

REVESTIMENTO CERÂMICO

GESSO ACARTONADO RESISTENTE À UMIDADE

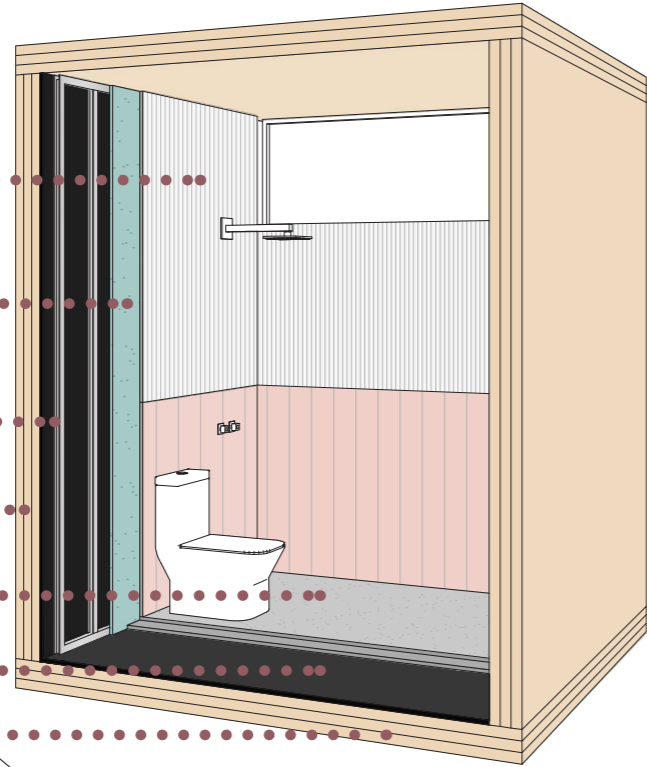
PAREDE HIDRÁULICA  
PERFIS DE DRYWALL

PAREDE DE CLT

REVESTIMENTO CERÂMICO

IMPERMEABILIZAÇÃO

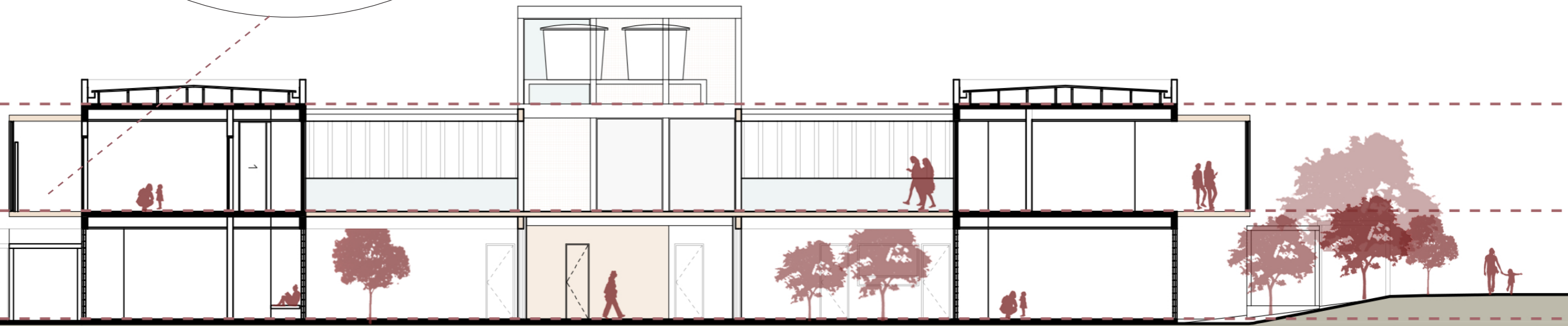
LAJE DE CLT



+ 7,24m

+ 3,67m

+ 0,10m

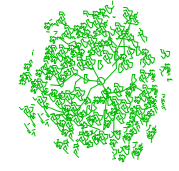

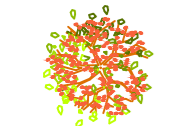
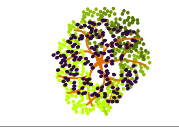
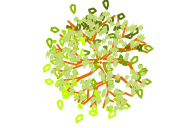
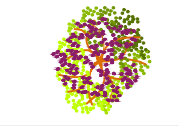



0 2,5 5 10m

# PAISAGISMO E COBERTURA

O paisagismo apresenta uma vegetação nativa do cerrado, criando uma ambientação que aproxime as usuárias da natureza. A sombra, as cores, o aroma e os frutos trazem a sensação de conforto e aconchego, fazendo com que as mulheres sintam-se em um refúgio, mesmo que temporário.

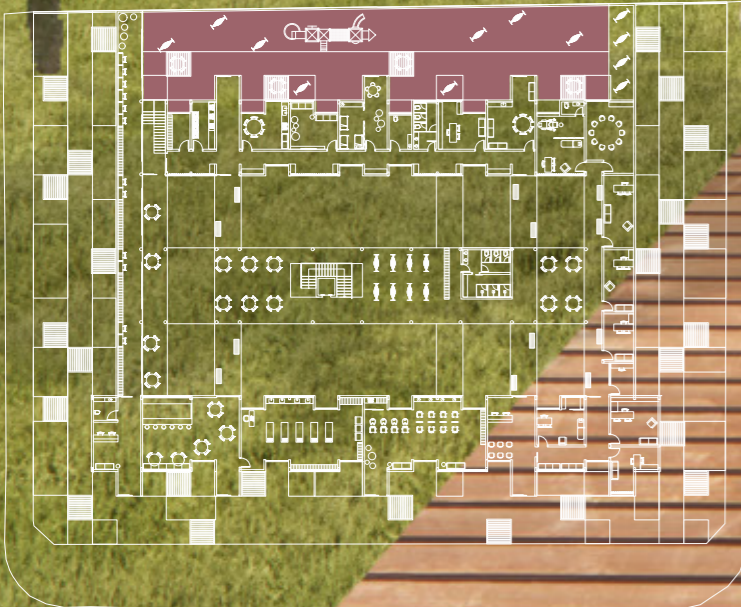


-  PAU-FERRO
-  QUARESMEIRA ROSA
-  ACEROLA
-  JABUTICABA
-  GOIABA
-  AMORA
-  CAPIM RABO-DE-RAPOSA



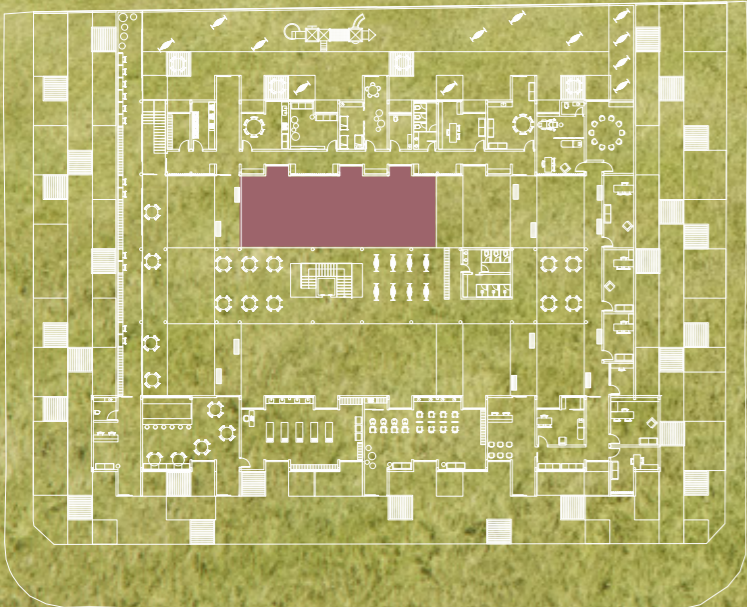
0 2,5 5 10m

# JARDIM PRIVATIVO

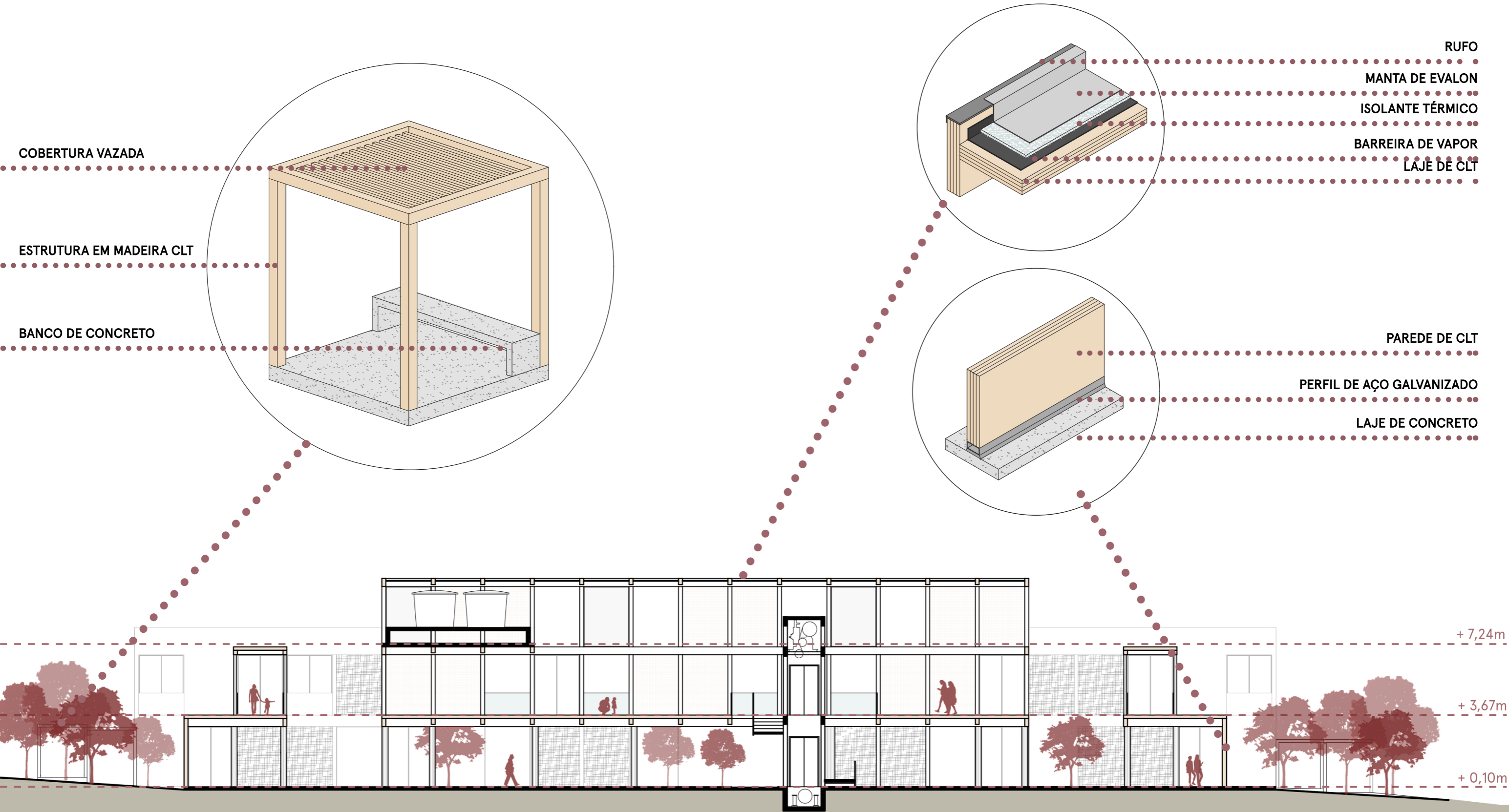




# JARDIM



# CORTE B



0 2,5 5 10m



# REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Camila Andrade de. **Cidade segura para as mulheres: O direito à cidade da mulher e a ocupação dos espaços públicos**. Monografia. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2018.

ALVES, Verônica. [Entrevista concedida a] Patrícia Figueiredo. **G1 SP**, São Paulo, 2019.

ANA\*. [Entrevista concedida a] Juliana Braga Ramos. Anápolis, 2022.

BEAUVOIR, Simone de. **Balanço final**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.

CABRAL, Ana Laura Lopes et al. **A apropriação do meio natural e a construção da paisagem urbana: análise dos impactos da implantação do Parque Ipiranga no bairro Jundiá, em Anápolis (GO)**. Desenvolv. Meio Ambiente, v. 54, 343-361, jul./dez. 2020.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no / do Mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007. 74p. Disponível em <[https://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O\\_lugar\\_no\\_do\\_mundo.pdf](https://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf)> Acesso em: 13/07/2022.

CECÍLIA\*. [Entrevista concedida a] Juliana Braga Ramos. Anápolis, 2022.

FÁVERO, Natália Fernandes. **A Condição das Mulheres no Espaço Público: Territórios de conforto e desconforto na urbanidade contemporânea**. Dissertação. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto | FAUP. Porto, 2020. 178p.

FIGUEIREDO, Patrícia. **Minoria na população de rua, mulheres foram vítimas em 51% dos casos de violência contra moradores de rua no Brasil**. **G1 SP**. 26/12/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/12/26/minoria-na-populacao-de-rua-mulheres-foram-vitimas-em-51percent-dos-casos-de-violencia-contramoradores-de-rua-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 10/05/2022.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

LIMA, Mariana. Os desafios diários enfrentados pelas mulheres em situação de rua. **Observatório 3º Setor**. 02/05/2019. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/carrossel/os-desafios-diarios-enfrentados-pelas-mulheres-em-situacao-de-rua/>>. Acesso em: 10/05/2022.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: Território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. 320 p.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Trad. de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela. Gonçalves São Paulo: Edições Loyola, 2004. 382 p.

HOMEM, Maria; CALLIGARIS, Contardo. **Coisa de menina?: Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo**. São Paulo: Papyrus 7 Mares, 2019. 128p.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 510p.

LACELLOTTI, Júlio. [Entrevista concedida a] Patrícia Figueiredo. **G1 SP**, São Paulo, 2019.

MARIA\*. [Entrevista concedida a] Juliana Braga Ramos. Anápolis, 2022.

MONTANER, Josep Maria. MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

PERCEPÇÕES sobre segurança das mulheres nos deslocamentos pela cidade. **Instituto Patrícia Galvão/Locomotiva**, 2021.

Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/percepcoes-sobre-seguranca-das-mulheres-nos-deslocamentos-pela-cidade-instituto-patricia-galvao-locomotiva-2021/>>. Acesso em: 20/07/2022.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

SIQUEIRA, Thalita Aguiar. **Corpos segregados e pobreza absoluta no processo de produção de pessoas em situação de rua em Anápolis (GO)**. Dissertação. Universidade Estadual de Goiás (UEG). Anápolis, 2019. 122p.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. **O centro e as formas de expressão da centralidade urbana**. Revista de Geografia, São Paulo, v. 10, p. 1-18, 1991.

SUELY. [Entrevista concedida a] Patrícia Figueiredo. **G1 SP**, São Paulo, 2019.

VERÍSSIMO, F. S.; BITTAR, W. S. M.; MENDES FILHO, F. A. **Arquitetura no Brasil: de Cabral a Dom João VI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007.